

## MEMORIAL

Promoção à Classe E com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior

Candidata: Carmen Rial

Ingresso no magistério UFSC: 1º de agosto de 1982

Matrícula SIAPE 0157895

Art. 4º O memorial mencionado no inciso III do art. 2º, doravante denominado “Memorial de Atividades Acadêmicas” (MAA), consiste em um documento de caráter descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, que destaque fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente, e que será apresentado em defesa pública.

§ 1º O MAA contém, no máximo, cento e cinquenta páginas, abrangendo toda a vida acadêmica do candidato, demonstrando dedicação ao ensino, à pesquisa e/ou à extensão e/ou à administração.

### **Introdução**

O objetivo deste memorial é apresentar de forma não necessariamente cronológica a trajetória de ensino, de pesquisa, de administração e de práticas de extensão para fins de avaliação no Concurso de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior no Ano de 2015, no Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Antropólogos costumam iniciar memoriais escolhendo uma de duas possibilidades: ou fazem como Bourdieu e veem na posição atual ocupada pelo sujeito o resultado de uma construção coerente cujas origens podem ser retraçadas a inícios muito precoces e a *capitais* que antecedem a agência individual; ou seguem uma linha *à la Sahlins* (e Mead, e Peirano, e...), em que o acaso dirige seus passos ao longo da carreira. Ainda não sei qual será minha opção aqui – os textos que escrevemos têm certa autonomia e nos levam para lugares às vezes inesperados. O que sei é que tendo a concordar com Bourdieu e a sua crítica que faz a “ilusão biográfica”; à qual acrescentaria uma desculpa antecipada pelo incontornável narcisismo presente nas páginas de um memorial, cuja escrita as regras burocráticas da Ascensão funcional obrigam.

Outra ressalva inicial. Sabemos que sujeitos resultam de relações que se constroem e desconstroem ao longo de uma existência, de diálogos com outros, daí estar este texto recheado de nomes de colegas e amigos, a quem devo parte da minha existência acadêmica. Provavelmente esqueci vários outros, e me desculpo antecipadamente.

## **PESQUISA, EXTENSÃO E ENSINO**

### **Antecedentes: Graduação e Mestrado**

Os meus primeiros escritos de que lembro nunca foram publicados, e se constam aqui é porque um memorial deve ser também, penso, o registro do que é invisível na cultura da avaliação. Dois deles escrevi quando ainda cursava a graduação de Ciências Sociais, e foram apresentados em Seminários, a convite dos professores: um sobre futebol (que problematizava a passagem de um futebol amador a um futebol empresarial, num estudo de caso do Sport Club Internacional, para uma disciplina ministrada por Noemi Brito; outro que abordava gosto e estilo de vida em camadas médias porto-alegrenses pelo consumo de plantas samambaias, para uma disciplina de Ruben Oliven). Um terceiro que teve repercussão entre colegas e professores foi recusado como trabalho final da disciplina de Cultura Brasileira pelo professor, que justificou a recusa com a afirmação de que o tema “não foi abordado em aula”. Era uma descrição das práticas homoeróticas entre homens na Casa de Estudante da UFRGS, a partir do depoimento de um gay, e que dialogava a bibliografia que tínhamos sobre sexualidade na época: algo de antipsiquiatria, Peter Fry e Edward MacRae, matérias do jornal Lampião. Se falo desses escritos perdidos no tempo é para dizer que muito cedo me interessei por pesquisar consumo, esporte, e gênero/sexualidade, temas sobre os quais me dediquei com afinco mais tarde.

Se ingressei no Mestrado de Antropologia o fiz muito por influência de colegas, pois para mim a carreira acadêmica não era uma obviedade. Tinha um trabalho na rádio Gaúcha que amava, um bom salário, era relativamente reconhecida

nele<sup>1</sup>, tinha boas perspectivas no Jornalismo, e a possibilidade de combinar a atuação profissional com uma militância política, que para mim era um interesse central naquele momento. Tinha estado na diretoria do Diretório de Estudantes de Ciências Sociais (o DAIU) que estava nas mãos de uma corrente trotskista, a Nova Proposta, que mais tarde formaria o grupo Democracia Socialista do PT, e fui uma das editoras do jornalzinho mais importante no movimento estudantil em Porto Alegre, o *Olha aqui a pinta do pinto* (sic), em que publicávamos análises de conjuntura e artigos sobre economia, política, eventualmente cultura. Estive a ponto de ingressar no grupo liderado por Carlos Santos e Dilma Rousseff, que vinha da Val Palmares e aderira ao PDT – cheguei a percorrer vilas fazendo propaganda dos candidatos “apoiados por Brizola”, que era como nos apresentávamos. Meus amigos que estavam ajudando a fundar o PT em Porto Alegre, com venda de roupas e alimento no Parque da Redenção, não entendiam esta possível quase aliança com o PDT, e só depois de Dilma eleita presidente passaram a respeitar esta página no meu passado.

Também tinha uma inserção teatral no grupo liderado por Ana Maria Taborda, a quem admirava desde os tempos do Teatro Arena, e com este grupo tinha excursionado por São Paulo e Rio de Janeiro, levando uma peça de Osvaldo de Andrade, *A morta* – não, eu não subia ao palco, era responsável pelas finanças do grupo, e de algum modo também por manter os atores com alguma disciplina. Minha casa (e de Augusto Licks) era um dos centros das reuniões de uma vanguarda musical e cinematográfica que se firmaria nos anos seguintes em Porto Alegre. Por tudo isto, ir para Florianópolis não foi uma decisão óbvia. Felizmente, jamais dela me arrependi.

Pessoalmente, quase fui ser socióloga, antes de optar pela Antropologia. Cheguei a ser bolsista de IC no Rio Grande do Sul, de um sociólogo muito respeitado então, o prof. Fachel, pai de Ondina, que viria ser minha colega e amiga no final da graduação e no Mestrado. Então, meu primeiro cenário de pesquisa foi a periferia de Porto Alegre, adentrá-lo foi uma aventura para alguém de classe média, acostumada a conviver com operários em situações em que eles trabalhavam para minha família. Para mim, a pesquisa de campo ensinou desde o início. E meus inícios foram em um período difícil no país, de silêncio, de censura, de expulsões dos nossos professores da academia. Mas também de descobertas de artimanhas, de ardis, de truques. As

---

<sup>1</sup> Ver colunas de Ruy Carlos Osterman, material no Jornal Zero Hora e no jornalzinho da RBS O Rabisco.

estratégias no cotidiano de navegação social contra-hegemônica inusitadas. Navegávamos na contramão.

## **Cenário 1**

*Estamos em 1975, auge da ditadura militar. Era jovem, rebelde, andava numa moto que tinha conseguido que meus pais me comprassem (depois de muita negociação e da troca pelo anel de 15 anos que tinha ganho e não fazia sentido algum para mim). Deveria contatar operários para saber sobre suas representações e o papel político dos sindicatos. A conversa com eles consistia em preencher um questionário – claro, questionário era o instrumento principal da sociologia na época, uma autoridade emanava de perguntas por trás de uma prancheta que legitimava os resultados obtidos assim. Eu idealiza operários, a partir de anos de leituras marxistas. Chego na casa do primeiro, escolhido por ser um líder sindical muito importante, reconhecido entre os operários por suas opiniões políticas de oposição ao regime. Sento no sofá de vinil, faço as perguntas do questionário: “Qual é o papel do sindicato?”, ele me olha, sorri, e limita-se a dizer sarcasticamente: “é um papel esportivo, cultural, artístico, de diversão”. E vou anotando frases evasivas, que repetem o que estava escrito na lei sobre sindicatos na época. Continuo as perguntas. E ele esvaziando politicamente todas as respostas. Na ironia do seu olhar, eu percebia que estava dizendo outra coisa, conseguia interpretar como as piscadelas de que nos fala Geertz. Mas como registrar isto no questionário? Fui na casa do segundo operário – que não tinha qualquer papel de liderança sindical. Fiz as mesmas perguntas, e as respostas, surpreendentemente, foram em outro sentido: “Ah, o sindicato é o único lugar que a gente tem pra se reunir pra tentar combater a ditadura, mas tu tem é que falar com o fulano! Ele é que vai te dizer o que é um sindicato, ele é que vai te falar da importância da greve...”.*

*Só que eu tinha acabado de falar com o fulano, o primeiro operário entrevistado. O que fazer? Entregar os dois questionários, obedientemente? Foi o que fiz, mas escrevi embaixo um parágrafo alertando o professor Fachel para que não desse crédito ao primeiro questionário pois o operário seguramente não dissera o que pensava, certamente por medo de que suas repostas pudessem ser entregues às autoridades.*

*Minha lição na época foi a de que o questionário tinha muitos limites e, se ouvir era parte do trabalho de um pesquisador, esta “escuta” precisava ser ampla, realizada com todos os sentidos. Questionário e gravação captam palavras, registram o dito – era preciso ir além, ouvir o não dito, as modalidades diversas do mesmo dito, um dito que se diz por outros meios além da palavra. E não é porque ambos falam português que a comunicação ocorre. Para além do simples código linguístico, o antropólogo trabalha com a premissa de que o processo comunicativo depende de um compartilhar outros signos; fazer parte de uma mesma comunidade linguística é mais do que falar português. Além de ter de levar em conta intercessões de faixa etária, classe, grupo étnico, gênero. Em contextos restritivos externos, como era o contexto político na minha interlocução com o operário, mas não apenas nestes, observar era mais importante do que ouvir; o modo como o que me era dito contava, deveria haver espaço para ser incluído. Enfim, princípios básicos da prática etnográfica que fui incorporado aos poucos.*

*Não foi apenas por isso que fui pra Antropologia. A Antropologia era quem fornecia as melhores respostas sobre o que estava acontecendo no país, através de etnografias de grupos localizados, como associações de bairro, por exemplo, e não esperava por uma revolução que não se via no horizonte. O micro, o cotidiano, o invisível deveria contar, como as teorias feministas vinham mostrando. E então, embora ainda não tivesse lido esta passagem em Vargas Llosa, já começava a desconfiar que há dois modos de se conhecer um reino: o primeiro, mais próximo da démarche da Sociologia, consiste em entrar pela porta da frente do palácio, ir diretamente à sala do trono, indagar ao rei sobre quantas pessoas moram no reino, quantas trabalham, o que se gasta, quanto se produz. Temos uma visão geral do país. A segunda, mais próxima da Antropologia, é de se entrar pela porta dos fundos do palácio, sentar na cozinha e ficar observando o que fazem os cozinheiros, sobre o que conversam, suas fofocas, e vagar pelo reino. E com isto preenchemos com vida os números.*

Ainda durante o Mestrado ingressei como professora na UFSC, o que me colocou uma série de obstáculos para continuar o curso. Foi uma decisão pessoal difícil, da qual me congratulo hoje. Sempre sonhara morar em Santa Catarina cujas praias a geração do Bomfim (bairro boêmio de Porto Alegre) havia descoberto, e embora passasse a ter um salário bem menor e um emprego sem a mesma projeção que tinha na RBS, o trabalho na Universidade parecia bem mais desafiador. Depois de

quatro anos e duas Copas do Mundo, mesmo o trabalho no reino da fantasia que era o Departamento de Esportes da rádio Gaúcha se tornara repetitivo e fácil demais. Tinha ingressado como redatora, passei a editora, fui chefe de reportagem e coordenadora de jornadas, assumindo responsabilidades, mas as vivendo como se estivesse brincando. Ao deixar a rádio Gaúcha para fazer concurso em Florianópolis deixei de lado por um bom tempo o futebol e o excelente ambiente de trabalho que tinha ali, cercada pelos “meninos” do Ruy Carlos Ostermann<sup>2</sup>. Poucos amigos entenderam a troca da RBS pela UFSC, mas quando Claudia Fonseca (ainda não minha orientadora) soube que eu tinha sido aprovada, ela disse: “Agora sim tens uma carreira”.

*Julho de 1982. Estava em Buenos Aires passando alguns dias de férias com Chica e Eduardo, que também foi aprovado no mesmo concurso, quando recebi o telefonema de meus pais avisando que tinha sido aprovada no concurso do Jornalismo, com 10 em todas as provas. Foram dias maravilhosos, de comemoração em restaurantes e clubes de jazz. Que me deram energia para enfrentar um período bastante complicado.*

Morando em Florianópolis, estando a 400 quilômetros de Porto Alegre, e tendo que dar aula durante toda a manhã três vezes por semana e duas vezes à tarde, passava boa parte do tempo viajando. Pegava o ônibus depois de minha aula, chegava a Porto Alegre pela manhã, ia para a casa dos meus pais, à tarde assistia à aula, saía direto para a rodoviária. Chegando a Florianópolis ia direto para a sala de aula. Isso duas vezes por semana, durante um ano.

Viajar toda a semana não foi meu único problema. Por um erro – em parte da Secretaria do curso, em parte meu – perdi a matrícula no PPGAS, e tive que passar por uma nova entrevista para ser readmitida no curso. Com isso, mudei meu projeto de tese, que já não era o de estudar a estigmatização policial (ver mais adiante), nem o de escrever sobre as novelas brasileiras (Ondina o fez em um trabalho excelente) e passou a ser o de relatar as transformações que estava assistindo de minha janela no bairro da Lagoa da Conceição, entre os pescadores/agricultores que passaram a conviver com vizinhos migrantes de grandes centros urbanos.

Somava-se às dificuldades de seguir o curso de Mestrado, o ambiente tenso e conflituoso na UFSC. Estava na chefia do Departamento de Jornalismo da UFSC um

---

<sup>2</sup> Por um destes acasos, Ruy, professor de Filosofia e o mais importante comentarista esportivo do RS, era casado com Ilse Osterman, minha professora preferida no ginásio e protetora nas reuniões de Conselho de classe (ver anexo).

jornalista gaúcho<sup>3</sup>, que tinha um projeto político de esquerda bastante claro – e eu logo desconfiei de tantas certezas. Não estava sozinha neste colocar em questão os rumos do curso de Jornalismo. José Gatti, que ingressou no mesmo concurso, também trazia para as aulas e reuniões uma agenda que incluía feminismo e ecologia e se chocava com as ideias de alguns professores. O mais generoso entre eles, Adelmo Genro Filho, que ingressou posteriormente, se referia a nós como “capas-pretas”, anarquistas.

Novamente, como acontecera no Departamento de Esportes<sup>4</sup>, trabalharia no meio de homens: Maria Helena (exilada política do Chile) e eu éramos as únicas mulheres no Departamento, até chegar Gilka Girardelo, que se tornou uma grande amiga.

*Ingressei na UFSC em 1982 e logo formamos uma comunidade de amigos na Lagoa da Conceição, então um pequeno bairro-vilarejo que à noite era iluminado pelas tochas de fogo dos pescadores de camarão. O que trabalhávamos em aula (os textos de Antropologia Urbana que nos explicavam o Brasil que vivíamos, os de Ecologia, de Feminismo) praticávamos, em uma política do cotidiano, experienciando novas formas de relações afetivas e comunitárias.*

*No Departamento, logo nas primeiras reuniões senti o incômodo que me acompanharia por anos, transformando-se mais tarde em um conflito aberto. Queria trabalhar com rádio, pois vinha da rádio, e propus trabalhar com Eduardo Meditsch, mais experiente do que eu em rádio jornalismo. O Departamento disse não, decidi que eu era boa demais para o rádio e tinha que fazer pesquisa. Iria para a Hemeroteca.*

*Havia colegas que admirava no Departamento, especialmente Airton Kanitz e Luiz Lanzetta com quem dei aula de redação alguns semestres. Havia o Serginho Mattos, que foi o responsável por nos levar para a Lagoa, e fazia parte de nossa “comunidade” preparando pratos vegetarianos deliciosos, Eduardo, com quem reparti a casa e depois um terreno, e principalmente Zé Gatti, que exercia uma forte liderança nos ensinados, urbanos que éramos, os segredos da mata e a ter um estilo de vida menos consumista, mais espiritual e grupal, ecológico e com uma alimentação*

---

<sup>3</sup> Daniel Hertz, já falecido.

<sup>4</sup> Fui a primeira mulher a trabalhar num Departamento de esportes de uma rádio no Rio Grande do Sul e certamente uma das primeiras no Brasil (ver reportagem no anexo). Dois TCCs sobre Mulheres e Rádio Jornalismo e Mulheres e Futebol citaram isto (mails em anexo).

*mais saudável (passei um ano comendo peixe como única carne). Não havia televisão na Lagoa e os cinemas no centro da cidade passavam filmes pornográficos (depois, foram transformados em Igrejas neopentecostais, agora, nem sei o que são). Assim, para ver bons filmes, tínhamos que fazer 30km em nossas motos até a praça central de São José, por estradas de terra, às vezes, pegando chuva na volta (chove muito em Florianópolis). Conversávamos muito, nadávamos na Lagoa, nos riachos e no mar, líamos, ouvíamos muita música, cozinhávamos, escrevíamos e construíamos nossas casas, recuperando portas e tijolos em lojas de demolição – não posso evitar o plural.*

*Intelectualmente, este estilo de vida radicalmente diferente do que eu tinha tido antes se refletiu em um artigo sobre “nós”, muito influenciado por Nobres e Anjos, do Gilberto Velho, cujo xérox – pois ainda não tinha sido publicado – li maravilhada a luz de velas em um quartinho de minha casa em construção. Nunca publiquei este artigo (quem sabe agora o faça?), ele foi trabalho no final de uma disciplina que assisti da Jean Langdon. Mais tarde, quis transformar esse artigo em uma tese de doutorado, mas a Antropologia francesa da época não incluía objetos assim próximos. Louis-Vincent Thomas, meu orientador, era fascinado pela ideia de estudar os fast-foods. Já Robert Creswell, que fazia parte da banca, não entendia que o movimento ecologista pudesse ser estudado pela Antropologia, a partir de um grupo do qual eu mesma fazia parte, e colocava questões mais apropriados para um estudo do mundo rural (quantos hectares tínhamos, se iríamos plantar e o que, etc.) que estava muito longe das nossas preocupações de camadas médias (voltarei a isso mais adiante).*

Mas voltemos ao Departamento. A ideologia de esquerda tradicional de alguns colegas misturava-se a um certo machismo gaúcho em algumas ocasiões, beirando a homofobia. Foi por isto que acabou comigo um dos primeiros Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC) e um dos primeiros sobre homossexualidade defendidos na UFSC. Era agosto de 1982, o trabalho seria defendido em dezembro, e ele continuava sem orientador. Entre olhares cúmplices, meus colegas deixaram claro que ninguém entre eles iria orientar “O homossexual e a dificuldade de ser entendido” de Zenon Bonassis Filho – confirmo o título no Lattes e vejo que ele é o número 120 entre as orientações concluídas, bem repartidas entre 21 TCCs, 21 Mestrados e 25 Doutorados (7 em coorientação) – sim, o número fecha porque há Iniciação Científica e outras. Destas, duas foram escolhidas pela CAPES como as melhores teses de

Doutorado na área Interdisciplinar, uma sobre o processo de fabricação de objetos artesanais (Ronaldo Correa) e outra sobre esporte e homossexualismo (Wagner Camargo), as duas no Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, um dos lugares em que trabalhei e que mais gostei, especialmente pelo diálogo com as colegas na área de concentração de Estudos de Gênero e na área de Sociedade e Meio Ambiente. Mas antes de ingressar ali, muito se passaria.

### **ENSINO (e Formação):**

Impossível iniciar a falar de Ensino sem falar da Formação que levou ao Ensino. Tive uma bastante nômade: início do primário em Passo Fundo (RS) em escola católica, continuação em Porto Alegre em um grupo escolar<sup>5</sup> na Cidade Baixa, continuação do primário no Colégio Liceu Pasteur, em São Paulo, depois em um grupo escolar em Campinas e conclusão em outro grupo escolar na Aclimação. Início do ginásio no Colégio Anglo-Americano, em São Paulo, conclusão no colégio Pio XII, em Porto Alegre. Início do científico no Colégio IPA, em Porto Alegre, continuação no Júlio de Castilhos, em Porto Alegre e conclusão na New Shewsbury High School (atualmente Tinton Falls High School) em New Jersey, nos Estados Unidos. Bacharelado em Jornalismo com início na PUC de Porto Alegre (1975), conclusão na UFRGS (1980); Bacharelado em Biologia, com início na UFRGS (1975), transferência para o curso de Ciências Sociais depois de três semestres, conclusão do curso de Ciências Sociais na UFRGS (1981). Ou seja, 14 escolas/faculdades estiveram presentes na minha formação até o final da Graduação, que resultaram em dois diplomas de Bacharelado. Apesar desse nomadismo, que se deveu à carreira profissional do meu pai numa empresa multinacional de Petróleo – cada transferência significava uma ascensão –, tive boas notas por onde passei, e minha colocação no vestibular na UFRGS, entre os 300 primeiros, permitiria o ingresso em praticamente todos os cursos oferecidos. A opção por Comunicação e Biologia, que pretendia cursar simultaneamente, deveu-se à leitura de um livro sobre Cibernética, de Norbert Weiner – achava que unindo as duas ciências me aproximaria dessa área ainda inexistente no Brasil.

Fui uma boa aluna também na Biologia, curso que troquei pelo de Ciências

---

<sup>5</sup> Escola pública

Sociais por conta da militância política no movimento estudantil, que cada vez mais me levava para os lados do Diretório Acadêmico do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – o DAIU – importante instituição política de oposição ao regime militar no contexto do Estado do Rio Grande do Sul. Devido a essa militância, estive presa em um quartel em Minas Gerais e depois no DOPS do Rio de Janeiro em 1976, logo depois de ter participado de uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em Brasília. Graças à rápida intervenção do meu pai, nada mais terrível ocorreu – embora o medo de passar noites em cela individual e interrogatório longuíssimo.

A militância política permaneceu ativa durante todo o curso de graduação, mesmo após essa prisão, mas nunca foi além do Movimento Estudantil – não ingressei em partidos ou em movimentos clandestinos.

A opção pela Antropologia foi influenciada pelos professores do curso, especialmente Ruben Oliven e Claudia Fonseca. Muitos outros professores foram marcantes na minha formação: Maria Susana Soares, Noemi Brito, Celi Pinto, Milton Cruz, José Tavares dos Santos. E no Mestrado, além de Ruben e Claudia, o Padre Schimdt, com quem estudamos história da Antropologia, Renato Ortiz, e professores em cursos que acompanhei em Santa Catarina: Eduardo Viola, Jean Langdon e Klaas Woortmann<sup>6</sup>.

Terminado o Bacharelado, concorri a uma vaga no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia com ênfase em Antropologia no ano de 1982 e fui selecionada. Ingressei no Mestrado com uma pesquisa sobre uma delegacia especial em Porto Alegre, que prendia preventivamente. Minha ideia era estudar, na linha de Goffman, estigmas (símbolos diacríticos de identidades marginais) tais como eram realizados pelos agentes nessa delegacia. Para fazer a pesquisa, usei de uma estratégia: chegava na delegacia no horário em que sabia que o delegado estaria almoçando e pedia para entrevistá-lo, nas primeiras vezes acompanhada por Gilberto Schubski (colega que participou, mas desistiu da seleção do Mestrado com um trabalho sobre prostitutas em Porto Alegre). Como o delegado estava ausente, eu tinha um alibi para ficar ali: “esperava” – o que me permitia observar a chegada de presos e acompanhar o seu fichamento – alegando um compromisso para ir embora quando se aproximava a hora de o delegado retornar.

---

<sup>6</sup> Também assisti a algumas aulas de Ilse Sherer, do Departamento de Sociologia, que trabalhava com Movimentos Sociais numa linha que se aproximava da de Alain Touraine.

Fiquei em primeiro ou segundo lugar na seleção do Mestrado (e Ondina em primeiro ou segundo, não lembro), e já na seleção me aproximei de quem se tornariam grandes amigas e interlocutoras por muitos anos, no Mestrado e no doutorado em Paris: Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha. Com elas, mais Ondina e Léa Perez formávamos um grupo de pesquisa, o GEAS, que estudava junto, propunha Programas de Disciplinas e novas disciplinas, além de explorar outras áreas – fizemos um curso de Psicanálise com o Zimmer, tradutor de Freud no Brasil, um sobre Cultura e Razão Prática, de Sahlins, com o filósofo Caçapava. Sabíamos o que queríamos estudar, e só estudávamos o que queríamos – o que nos fez perder algumas oportunidades<sup>7</sup>. Mas em compensação, formamos um grupo de pesquisa, o Grupo de Estudos em Antropologia Simbólica (GEAS), que possibilitou contatos com antropólogos do centro do país que foram fundamentais na nossa formação. Cito Cornélia Eckert, que escreveu o seu memorial (2014):

“O centro de atuação do GEAS, na ocasião, conjugara esforços discentes do Pós-Graduação em Antropologia Social com vista ao aprofundamento mais intenso de temas como sociedades complexas, individualismo, subjetividade e poder no mundo contemporâneo, cotejando as discussões clássicas apreendidas no PPGAS com o que era produzido e discutido nos grandes centros brasileiros de Antropologia como Museu Nacional, USP, Unicamp e UNB. Nesse sentido, foram organizados sistematicamente diversos eventos científicos denominados *Painel Cultura e Ideologia* 1983, 1984 e 1985.

Esse grupo consolidou-se por seu dinamismo e empenho em estudos teóricos (através de Seminários e Painéis) no campo da Antropologia Simbólica. Formou-se a partir da orientação de professores antropólogos consagrados como Ruben George Oliven, Gilberto Velho, Antônio Augusto Arantes, Roberto da Matta, Alba Zaluar, Renato Ortiz, Luiz Fernando D. Duarte, Pedro Ignácio Schmidt, entre outros. Em especial, o GEAS recebeu o apoio dos coordenadores Ruben Oliven e Abílio Afonso Baeta Neves, naquele processo.”

---

<sup>7</sup> Como as aulas de Shirley, professor visitante, que pela dificuldade de comunicação em português e tema desistimos convencendo o coordenador do curso, Ruben Oliven, numa conversa na biblioteca de sua casa, a cancelar a disciplina. Robert Shirley escreveu um dos estudos de comunidade clássicos tendo como campo em Cunha, São Paulo (1963 *The end of a tradition*). No mestrado, o li para a dissertação, me arrependendo de não ter estudado com ele.

Tinha tido uma boa base de Marx durante a graduação – assisti a 8 semestres de cursos sobre Marx –, e lemos não apenas os textos mais básicos (A ideologia Alemã, O Manifesto, 18 do Brumário, O Capital), mas também mais sofisticados, (Uma contribuição à Crítica de uma Economia Política e Gründrisse). Trotsky lia por conta própria, apaixonada por suas ideias de uma revolução planetária, assim como Rosa de Luxemburgo.

No Mestrado, Gramsci foi uma influência importante, especialmente sua noção de *paixões elementares do povo* (que me ajudava a explicar alguns dos gostos populares, como o futebol e as novelas) e, claro, de *hegemonia*. Líamos no início da década de 1980, pois na Antropologia e na Sociologia chegou direto da Europa, e bem antes do que nos Estudos Culturais, que o buscaram via Estados Unidos. Mauss, Lévi-Strauss, Mary Douglas, Victor Turner, Clifford Geertz foram leituras importantes neste período, assim como Sahlins. Ruben havia se formado em Manchester e nos inseriu na literatura da Antropologia Social Britânica, além da Escola de Chicago e de Simmel. Claudia tinha se formado nos Estados Unidos, mas fizera uma especialização na França, de modo que nos abria leituras dessas duas proveniências. E o Padre Schimdt complementava com os clássicos.

A formação nas aulas era incrementada pela ida a Congressos. E isso desde a graduação. Estive na SBPC de Brasília, em 1976, como ouvinte admirada de Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e Florestan Fernandes, e apresentei trabalho em outras<sup>8</sup>.

Como disse, iniciei o ensino na Universidade dando aulas no curso de Jornalismo, quando ainda cursava o Mestrado na UFRGS. Meus alunos então eram apenas alguns anos mais jovens e viviam em uma cidade ainda bastante provincial, longe do lugar cosmopolita que se tornou nas décadas seguintes. Eu vinha de um meio de vanguarda cultural em Porto Alegre, que se expressava no teatro, na música, no cinema, e na política, e se encontrava nas noites do Bomfim, e muito do impacto que tive nos estudantes (se algum impacto tive) foi por introduzi-los nesse mundo e pelo estilo de vida particular. Em outras palavras, é provável que minhas roupas e a música que ouvia fossem tão pedagógicas quanto os conhecimentos que adquiriam nas aulas.

As disciplinas variavam muito, desde Redação até Tópicos Especiais em

---

<sup>8</sup> Matrix X Dogma 95: dois cenários para as novas tecnologias da imagem In: Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999, Porto Alegre.

Cultura Brasileira. Globalização, que ofereci já em 1992 (provavelmente a primeira disciplina a ser oferecida com este nome no Brasil), foi repetida ao longo dos anos, mas sempre com adaptações do Programa, e nas últimas versões introduzi muitos trabalhos de Migração. Antropologia Visual, Antropologia da Alimentação, Antropologia Urbana, Antropologia do Consumo, Metodologia de Pesquisa e, no último ano, Seminários Avançados de Teoria Antropológica foram cursos que me proporcionaram trocas significativas com os estudantes.

Olhando retrospectivamente, penso que uma das características do ensino que realizei ao longo desses anos foi o fato de ter compartilhado cursos com colegas. Claro que predominaram disciplinas que ofereci sozinha, como é normal, mas desde o início tive experiências muito agradáveis de compartilhamento. No Jornalismo, nos anos 1980, numa disciplina de redação, com Airton Kanitz e Luiz Lanzetta; depois com Gilka Giradello, nos anos 1990, numa disciplina de Antropologia Visual com Ana Luiza Rocha; em outra sobre Antropologia das Sociedades Complexas Moderno-Contemporâneas, com Cornélia Eckert; numa de Globalização com Gustavo Lins Ribeiro (na UNB) e com Ana L. Rocha (na UFRGS); numa de Antropologia Visual, com Henyo Barreto (na UNB) e com Nicolas Guigou (UDELAR); duas com Rosa Perez (ISCTE/Lisboa); Antropologia da Alimentação, com Ellen Woortmann; Etnografia, com Hélio Silva... E várias no Interdisciplinar já que é um requisito do curso que as disciplinas tenham mais de um professor. Essas foram sempre experiências muito gratificantes, de trocas e diálogos com colegas como Júlia Guivant, Mara Lago, Joana Pedro, Cristina S.Wolff, Miriam Grossi e Luzinete Simões.

#### **D.E.A.**

Em 1982, dezembro, férias. Embarco para a França com o projeto de encontrar a Miriam, que tinha iniciado o seu doutorado em outubro, e também visitar minha irmã e sobrinhos, que estavam morando no Gabão. Meu desejo de ficar em Paris, muito por razões pessoais, fez com que no retorno começasse a pensar em pedir uma licença não remunerada para fazer o doutorado na França. Era uma mudança de rumo – e de idioma. Desde meu ano na High School planejava estudar em um país de língua inglesa, e agora, tinha que começar a aprender o francês. E comecei o aprendizado lendo Bourdieu *La Distinction : Critique Sociale du Jugement*, com um dicionário do

lado – algo que me faz pensar em como meu pai nos “ensinou” a dirigir um automóvel, entregando a chave do carro e dizendo que podíamos colocá-lo na garagem ou estacioná-lo na rua, ou seja, quando finalmente pude rodar em uma estrada, foi a coisa mais fácil do mundo. Bem, o francês nunca foi fácil, mas ainda assim...

Licenças não remuneradas não eram comuns na UFSC, e nem o são até hoje, mas sabia que não teria nenhuma chance de conseguir sair do Departamento com um afastamento normal, mesmo se esperasse quatro anos. Não porque ainda não tinha completado o Mestrado, e sim porque meus colegas achavam absolutamente dispensável um diploma, de Mestrado ou doutorado – uma opinião que perdurou por muito tempo e que me foi bastante prejudicial posteriormente. Miriam conseguiu me matricular em Paris V, obtive a licença não remunerada de seis meses, com bastante esforço argumentativo, e fui cursar o Diplome d'Études Approfondies (D.E.A.).

*Inicialmente, moramos na Casa da Índia, na Cité International, mas logo mudamos para um confortável deux-pièces, na rue Bobillot, na Place d'Italie. Ele ficava em cima do café Le Levant (atualmente, Oh!! Jules) e minha mania de telhados quase resultou em tragédia numa tarde em que o sol apareceu e para aproveitá-lo sentei para ler na beira da janela com uma xícara de chá que, num gesto distraído, voou janela abaixo indo cair em cima de uma francesa que tomava seu café com amigos. Desci correndo os três andares tendo os pensamentos mais funestos: seu crânio dividido em dois, o táxi e o hospital que eu teria que pagar (com que dinheiro?), minha extradição; e foi um alívio indescritível quando abri a porta e vi que ela estava inteira, rindo com os amigos, e que ainda por cima a xícara não tinha quebrado “Elle est solide”, me disse devolvendo a xícara, acrescentando “et mon ventre aussi!”. Devo ter dito umas cem vezes “merci” por falta de um vocabulário maior. De fato, não fazia muito tinha dito minha primeira frase em francês, seguindo as instruções da Miriam: ao sair do metrô na estação Luxemburgo perguntei ao primeiro passante: “u é la Sorboni” e, para minha surpresa, ele não só entendeu isto, que me soava absolutamente ridículo, como apontou com o braço a direção – foi o que deu para entender das suas indicações.*

*Os dólares que meus pais me enviavam mensalmente, somados à poupança que tinha (e era pouca dado o câmbio), e somados à bolsa do governo francês de menos de três mil francos da Miriam davam para pagar o aluguel e comermos, muitas vezes nos R.U.s (sabíamos onde e quando serviam cuscuz, por exemplo, um*

*dos pratos favoritos). Mas para poder sustentar os desejos culturais, era preciso mais. E o único trabalho que uma imigrante poderia fazer era o de faxineira ou como équipier em um fast-food. Nem me passava pela cabeça trabalhar como doméstica, pois tinha passado boa parte da vida tendo cozinheira, arrumadeira e faxineira em casa, e o pouco que sabia sobre limpeza de uma casa tinha aprendido no ano passado nos Estados Unidos. Agora, o fast-food ...bem, havia muitas razões para considerá-lo um bom emprego.*

Estava em plena redação do D.E.A., que consistia em 3 trabalhos: um projeto de pesquisa para o doutorado, um ensaio bibliográfico e uma pesquisa que deveria ser defendida em frente a uma banca de professores em uma semana reservada para as defesas de D.E.A. O trabalho no *équipier* poderia bem resultar em uma observação participante para a pesquisa.

## **Cenário 2**

*France, Paris. 1983-4. Um primeiro campo fora do país. Ali fiz observação participante trabalhando no Quick, o maior fast-food da França na época, durante três longos e exaustivos meses. A escolha do objeto foi um lucky accident – como diria Margareth Mead – tão recorrente entre os antropólogos. Foi realmente por acaso que resolvi pesquisar no fast-food o problema da globalização cultural, que foi minha tese de doutorado. Como disse, inicialmente o plano era outro: desejava pesquisar um ethos ecológico entre camadas médias analisando a autoconstrução das casas na Lagoa da Conceição. Tinha estudado a passagem de um ethos mais holista a um mais individualista através do espaço doméstico entre os agricultores/pescadores, os nativos; agora seria o inverso, com o pessoal de fora, jovens como eu que haviam deixado grandes centros urbanos para viver em casas construídas no meio da mata, inspirados nas casas/cabanas da Bay Area, em San Francisco e numa ideologia coletivista hippie-ecológica-marxista. Quando levei o projeto para o Klaas Woortman<sup>9</sup>, ele leu carinhosamente, me chamou para uma conversa e foi dizendo com a franqueza que sempre teve: “Olha, muito bom a parte teórica, acho interessante, tem muito Baudrillard, mas está muito bom. Agora, minha opinião é que você não deve fazer a tese sobre isso.” Eu fiquei surpresa, perguntei*

---

<sup>9</sup> Klaas Woortman passou um ano morando na Lagoa da Conceição no início dos anos 1980, como professor visitante no PPGAS.

por quê?, “Porque é muito próximo, e isso de antropólogo estudar o que é muito próximo não dá certo.” Agradei, não acreditei, levei o projeto para França, e apresentei como projeto de tese no *Diplome d’Études Approfondies (D.E.A.)* – que, como disse, é uma etapa preliminar à tese, em que três trabalhos são defendidos diante de uma banca (um ensaio bibliográfico, um projeto de tese e uma pesquisa completa). No meu caso eles consistiram no projeto de tese “*Les Maisons écologiques*” (40pp) sobre o ethos e o estilo de vida de camadas médias moradoras em casas autoconstruídas na Lagoa, na pesquisa “*Manger-Show: les fast-food à Paris*” (60pp), e em “*Carnaval, Bandits et Héros*” um ensaio bibliográfico centrado sobre o livro brasileiro recém-traduzido, *Carnavais, Malandros e Heróis*, do Roberto Da Matta. Minha banca era formada por dois africanistas (meu orientador L.-V. Thomas e George Balandier), e por Robert Creswell, que escrevera sobre uma comunidade no interior da Irlanda. O ensaio bibliográfico não chamou a atenção da banca – nem sei se o leram. Quando chegou na discussão do projeto, Creswell, que é um daqueles antropólogos clássicos que medem terrenos, fazem cálculos usando logaritmos, que incluiu no seu trabalho observações de geologia, hidrografia, clima, flora, fauna, e uma análise detalhada da terra, começou a fazer perguntas bem distantes do que eu pretendia estudar. “Mas esses ecologistas que constroem na Lagoa, quantos metros tem esse terreno? O que eles vão plantar?”. Entende-se: estudar camadas médias urbanas na França, na época, não era comum – estou falando do início dos anos 1980. Marc Augé escreveu “Um antropólogo no metro” nos anos 1990, e foi uma ruptura. Colette Pétonnet (que conheci por intermédio da Claudia Fonseca) nos anos 1980 era conhecida pelo trabalho na periferia, não por suas incursões no cemitério Père Lachaise ou nas feiras de rua. Se lia nos manuais que a diferença entre sociologia e etnologia<sup>10</sup> é que a sociologia estuda em sociedades industriais e a etnologia em grupos primitivos.

Martin Segalen, cujo trabalho admiro, chegou a fazer a correspondência entre áreas geográficas e objetos de estudo. Em um livro de 1990 ela diz:

‘Cada campo de pesquisa suscita, de fato, questionamentos que lhe são

---

<sup>10</sup> Lévi-Strauss foi quem introduziu o termo Antropologia, inspirado na Antropologia Social britânica, e são os seus seguidores que persistem em usar o termo. Na França, usava-se (e usa-se) Etnologia para se referir ao estudo das diferenças socioculturais e a tudo o que no Brasil chamamos de Antropologia.

*específicos, ligados à tradição antropológica que ali se instaurou, mas também aos traços culturais ou sociais que lhe são próprios: o xamanismo e a mitologia são estudados pelos americanistas, enquanto que os especialistas no Oriente Médio tradicionalmente se debruçaram sobre os problemas técnicos ligados ao nomadismo.’*

*Ora, não me interessava estudar xamanismo ou mitologia, mas era isto o que se esperaria de uma antropóloga americanista. De mais a mais, ecologia e Brasil não casavam de modo algum no imaginário francês; ecologia era coisa de alemães anarquistas, e os professores da banca, especialmente Creswell, começaram a falar do “meu” grupo como se eu tivesse tratando com um bando de loucos, alertado que aquilo não era generalizável, que aquilo não produziria etnologia. Bem, pode-se teimar com um professor, mas não é razoável teimar com quatro. Desisti do grupo ecologista e da autoconstrução. E como, por sorte, eles gostaram muito do trabalho sobre fast-food, deixei-me levar um pouco pelo acaso na definição do objeto. E me tornei uma Europeísta.*

*O Quick de La Défense onde fomos trabalhar era, na época, a maior loja fast-food de Paris. A observação participante se impôs e foi absolutamente necessária para ir além da análise dos textos e imagens da publicidade dos fast-foods presente nos corredores do metrô e que me chamavam atenção por ser algo tão americano e tão junk-food, no país que se considerava e era considerado como lugar de excelência gastronômica.*

*Há todo um segredo em relação ao que se passa por trás do balcão, embora a aparente transparência da cozinha. Dificilmente alguém conseguiria escrever sobre o trabalho no fast-food, se não tivesse trabalhado ali, pois não teria como conhecer as categorias nativas relevantes, a vertigem da velocidade exigida em algumas tarefas. De fato, na introdução da tese, começo descrevendo como me senti no primeiro dia de trabalho no fast-food: como num pit-stop de uma corrida de Fórmula 1 tal o movimento, tal a correria. Colocar um copo sob uma máquina e enchê-lo de líquido, que parecia uma operação extremamente fácil, me foi explicado em detalhes pela supervisora, enquanto eu a olhava achando ridícula todas aquelas instruções para uma tarefa que me parecia óbvia. No momento que eu comecei a realizá-la, na cadência necessária, vi que caía Coca-Cola por todos os lados. Interrompi o circuito*

*de fast-food criando desespero nas outras atendentes que ficaram bloqueadas por falta de refrigerante. Aprendi que ali nada era feito como numa cozinha comum.*

*Foi essencial ter trabalhado no fast-food, me impregnado com um cheiro de batatas fritas que não saía não importasse quantos banhos tomasse, entrar em câmeras congeladoras a menos 50 graus centígrados, e sobretudo suportar as humilhações e gritos dos chefes naquela hierarquia militar que é a de um fast-food como o Quick. Se eu não tivesse aprendido no corpo, vivido os sentimentos todos que aquele trabalho suscitava, dificilmente entenderia o trabalho ali. Uma etnografia carnal, diria Loic Wacquat, seguindo a ideia de Bourdieu: “A ordem social inscreve-se nos corpos através de um confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre concede um grande papel à afetividade”. Há campos onde a observação passa pelo corpo de modo ainda mais intenso e penetrante. Mas penso que em todo o campo o que contamos, ao final, são as mudanças que ele produz em nós, antropólogos. E estas vão além do objetivo da Antropologia de “submeter conceitos pré-estabelecidos à experiência em diferentes contextos” para substituí-los por outros mais adequados. Pesquisar com o corpo foi uma das lições deste campo.*

*A outra foi pesquisar a dor. Umberto Eco no início do ensaio “Como escrevi O Nome da Rosa”, confessa zombando que o fizera por vontade de matar um monge. É necessário que exista uma vontade premente de escrever, senão não se escreve. E essa vontade de escrever, às vezes, é necessário que ela passe por alguma dor. Miriam Grossi (2004<sup>11</sup>) fala muito apropriadamente da dor da tese. Aqui, a dor da escrita da tese somou-se à do trabalho de campo. O diário de campo, o que escrevia por horas depois do trabalho, ajudava a entender o sentimento de estranheza, o mal-estar físico, o asco, a raiva em relação às exorbitâncias dos chefes. Tinha a necessidade de “elaborar as batatas-fritas”, o que aquela situação fazia com o meu corpo, e vontade de “matar” – não monges, mas chefes. Precisava entender uma situação de estudante, de classe média, que sempre teve empregadas domésticas, de jornalista que escrevia para milhões escutarem, que chefiara uma equipe, de repente constrangida a trabalhos manuais árduos, de imigrante, a obedecer em silêncio uma hierarquia terrível. Escutar não é o suficiente; um olhar, mesmo um olhar domesticado (Cardoso de Oliveira) em determinadas situações não é o suficiente.*

---

<sup>11</sup> A dor da tese, Ilha, Florianópolis, v.6, n.2, julho de 2004:221-232.

*Aprendemos com o corpo, com o suor às vezes.*

Os horários flexíveis permitiam que pudesse assistir aos seminários; e como Miriam mapeava perfeitamente a academia francesa, navegávamos entre a Sorbonne (L.-V. Thomas, Balandier, Mafesoli, Gurtwirth), a École des Hautes Études<sup>12</sup> (Tourraine, Sachs, Bourdieu, Augé, Héritier, Althabe, Pradelle, Godelier, Luc Ferry, Jean-Paul Colleyn, e os mais ligados à alimentação, como Fischler e Flandrin – no seminário de quem apresentei meu trabalho sobre fast-food em 1990), a École Pratique des Hautes Études (Anne Comolli, na sala Marcel Mauss), Nanterre (Claudine de France), a Cinémathèque Française (Jean Rouch) e o Musée de l'Homme (Jean Jamin), Laboratoire d' Anthropologie Sociale (Héritier, Françoise Zonabend) e o Collège de France (Foucault e Bourdieu, especialmente, e palestras eventuais). Nos seminários de Mafesoli, ouvi Giddens, muitas vezes Baudrillard, Mary Douglas em uma palestra memorável na Assemblée Nationale, Gibert Durand ...e muitos outros. Nos seminários de Augé, ouvi Héritier... Mais tarde, Hannerz, Friedmann, e muitos outros. Frequentávamos também encontros de grupos de pesquisa, mais fechados, em que as discussões se davam ao redor de uma mesa, às vezes na discussão de um trabalho, outra na preparação de um livro: os de Bourdieu e da *Brésil Contemporain* na MSH, os de Flandrin em Passy, os de Colette Pétonnet e Jacques Gutwirth no Laboratoire de Anthropologie Urbaine<sup>13</sup>. Tínhamos acesso às bibliotecas dessas instituições, além da Biblioteca Nacional<sup>14</sup>, à do IRISCO, e também às prateleiras de livros d'occasion do Joseph Gilbert, de modo que estávamos atualizadas no que se produzia na França e do outro lado do Atlântico, pois se é verdade que os livros demoravam para ser traduzidos para o francês, também é verdade que todas as revistas norte-americanas e inglesas tinham seus números disponibilizados nas bibliotecas. Embora não seja uma bibliófila, ler Mauss ou Durkheim diretamente nos números originais dos *Annales*, sempre me trouxe uma emoção especial. Mais tarde, quando a Bibliothèque Nationale/site François Mitterrand, foi inaugurada, nos tornamos frequentadoras assíduas dos seus subsolos, reservados para os pesquisadores, e especialmente do fantástico acervo de imagens

---

<sup>12</sup> Na época, funcionando na Maison de Sciences Humaines (MSH) e num prédio em Passy, no XVIème.

<sup>13</sup> Esta relação de nomes inclui os seminários que frequentei durante o doutorado. Para o D.E.A., cursei as seguintes disciplinas: Louis-Vincent Thomas (2h por semana), Pierre Bourdieu (2h/s), Ignacy Sachs (2h/s) e George Balandier (2h/s).

<sup>14</sup> Na qual estão depositados todos os livros editados na França, desde o século XVII.

(todos os programas de televisão e rádio) facilmente acessíveis em postos individuais (mas rigidamente protegidos em seus direitos autorais), que muito auxiliaram nos documentários que realizamos com as alunas de Marcel Mauss.

O D.E.A<sup>15</sup> foi defendido em 1985/1, em seis meses, quando normalmente leva um ano, pois este era o tempo de minha licença. Desnecessário dizer que Miriam foi fundamental para colocar em francês o que eu escrevia, e ajudar a pensar. Voltei matriculada no Doutorado em Paris V e com um título que era reconhecido pelo CNPq como Mestrado, mas isso não foi aceito pelo Departamento, que para me liberar exigiu que eu fizesse um Mestrado no Brasil.

## **Mestrado**

### **Cenário três.**

*Canto da Lagoa, um bairro de camponeses, pescadores e de moradores de camadas médias vindos de outros centros do país, chamados de “pessoal de fora”, como os **outsiders** de Elias (não usei o termo, o livro de Elias foi publicado bem depois). Já estamos na década de 1980. Meu primeiro aprendizado no Mestrado foi o de foco – queria pesquisar o espaço doméstico nas camadas médias (“pessoal de fora”) que moravam em um condomínio residencial e os moradores nativos<sup>16</sup>. Mas Claudia Fonseca, minha orientadora, disse não: teria que escolher um grupo. Fiquei com os nativos. Teria sido muito difícil realmente dar conta de uma heterogeneidade tal, e sempre lhe agradei por isto.*

*O segundo aprendizado foi sobre a visibilidade do pesquisador. Pensava que fosse invisível (como Geertz, na “Briga de Galos”), até que uma amiga antropóloga, a Chica, veio me visitar. Meu endereço em Florianópolis era Estrada Geral do Canto da Lagoa, sem número (sic!). Para alguém que chega de Porto Alegre, procurar o endereço de estrada geral, sem número, bem, é no mínimo complicado. Ela começou a perguntar desde o início da estrada, há quatro quilômetros de minha casa, “Ah, a*

---

<sup>15</sup> Reconhecido como Dissertação de Mestrado na UFSC, em 1988.

<sup>16</sup> Os camponeses/agricultores e seus descendentes que moram na Lagoa se autodenominam nativos. Hoje o termo nativo (assim como o de Manezinho, como mostrei em um artigo) passou por um deslizamento semântico sendo apropriado também pelas famílias de elite da Ilha “de couche”. Tanto é assim que o capitão da seleção brasileira de rúgbi, nascido na ilha de Santa Catarina, em família de camadas médias, é conhecido como “Nativo”.

*professora? Que tem o fusca? Depois do Badejo...”. Quando ela finalmente chegou na minha casa eu perguntei surpresa: “Como você encontrou?”. “Foi fácil. Todos te conhecem”.*

*Outro aprendizado desta pesquisa foi o de que em muitas circunstâncias o não é sim. Costumava bater nas portas dos “nativos” da Lagoa– e dizia: “Ah, Dona Nelinha, eu vim porque eu queria conversar com a senhora, fazer uma entrevista, a gente pode conversar?”, “Não... agora não. Agora não posso.”, “Então está bem, eu volto outra hora”. Na terceira vez que eu fiz isso, e recebi o “não”, me disse, vamos adiante, vamos ver o que acontece. “Agora não”, “Ah tá, certo, e a senhora tá fazendo o que mesmo?”, “Tô aqui, preparando o almoço, fazendo um peixe”, “E foi o seu Abílio quem pescou?”... E a conversa se prolongou por duas horas. Sem o consentimento informado que obstruía a dinâmica do diálogo.*

*Outro aprendizado veio da Claudia, que teve a generosidade de sair comigo para conhecer meus interlocutores. Conversávamos, conversávamos, uma porção de outros assuntos, e de repente, Claudia fazia a mesma pergunta que ela tinha feito lá no início. E a resposta era completamente diferente. Parece óbvio, mas há a necessidade de um tempo para uma interlocução, e vale a pena perguntar mais de uma vez porque raramente a primeira resposta vai corresponder às outras.*

*Outra lição: cuidado com as companhias. Durante a pesquisa na Lagoa já lecionava disciplinas de Metodologia no Jornalismo, e resolvi fazer um exercício de pesquisa em grupo seguindo o modelo de incursões a campo coletiva onde cada um observa um problema diferente. Modelo do Marcel Griaule, que fez excursões na África com várias pessoas, nem todos antropólogos; modelo de Franz Boas que também pesquisou assim. Levei meus alunos a um lugar bem retirado, no engenho da Dona Joana, o último movido a carro de boi ainda em funcionamento na Lagoa. Já conhecia, fui bem recebida, os alunos levaram máquinas fotográficas, aplicaram questionários, anotaram – era uma disciplina de Metodologia e meu objetivo era que experimentassem diferentes técnicas. Ao final da tarde, fomos embora – e eles nunca mais retornaram. Quando voltei, dois meses depois, a matriarca, D. Joana, estava bem agastada e foi logo me dizendo: “Aquele pessoal da Prefeitura que você trouxe aqui aumentou nosso IPTU.” “Mas Dona Joana, eles são meus alunos, não são da Prefeitura.” “São sim, vieram aqui fotografaram tudo, anotaram tudo e no mês*

*seguinte aumentou o IPTU”. Então, realmente, pode ser muito complicado incluir outros, porque o diálogo que temos como antropólogas não é necessariamente extensivo.*

Porque não transformei o D.E.A. numa dissertação de Mestrado? A razão é simples: não tive a ideia de fazê-lo. E por três outros anos escrevi mais 200 páginas que foram o Mestrado, descrevendo e analisando o espaço doméstico de três gerações de moradores da Lagoa da Conceição, pescadores/agricultores ou descendentes destes e suas relações com o “pessoa de fora”; ou seja, o impacto da globalização – embora o termo ainda não estivesse sendo usado na Antropologia. O conceito de *ethos* de Bateson foi muito importante para explicar as diferenças e escolhas dos autodenominados nativos. E os conceitos de *holismo* e de *individualismo* de Dumont para entender os deslocamentos entre uma geração e outra, assim como as ideias de Baudrillard sobre objetos e as de Bourdieu sobre o consumo (mesmo que para contradizê-lo na suas concepções um tanto deterministas do gosto de camadas subalternas).

A dissertação *Mar-de-Dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição* foi defendida em 1988 diante de uma banca formada pela orientadora Claudia Fonseca, Klaas Woortmann (UNB) e James Holston (U.C. Berkeley). Não foi uma defesa fácil, e guardo dela uma das piores lembranças. Não sabia o que era uma defesa de Mestrado – por incrível que pareça, nunca tinha assistido a uma defesa antes – e não me preparei para ela.

A dissertação foi publicada inicialmente em um artigo na Revista *Ciência Hoje*, vol. 10, e em vários artigos posteriormente<sup>17</sup>.

Por birra, no mesmo ano da defesa do Mestrado pedi revalidação do meu D.E.A. na UFSC e o processo foi aprovado. Assim, com dois Mestrados no bolso, pedi licença ao Departamento de Jornalismo. Deram-me três anos, e embarquei para a França, desta vez sozinha, no dia 6 de novembro de 1988.

## **Doutorado**

---

<sup>17</sup> Foi aprovada para ser publicada na editora da UFSC, o que não o fiz ainda, por diferentes razões, entre as quais: inclusão de imagens (mapas, fotos, etc.), proteção dos interlocutores.

Poderia escolher muitos cenários para falar mais de perto da tese de Doutorado, mas fiel à linha que tenho seguido até aqui, volto a abordar um dilema metodológico.

#### **Cenário 4**

Aprendizado: as fronteiras do campo de pesquisa

*O que existia de Antropologia Urbana em Paris – e era pouca coisa na época – e o que existia de pesquisa em restaurante (Althabe, La Pradelle, Dumazedier) eram trabalhos de antropólogos que escolhiam um restaurante e ali permaneciam, por dias e dias, estabelecendo relações de confiança com os clientes, olhando, ouvindo, conversando. Esses bares e restaurantes eram frequentados por clientes fiéis, que retornavam ao lugar quase que diariamente, que encontravam amigos ali, que conheciam o proprietário. Cedo me dei conta que não era isso o que acontecia com os fast-foods e não seria assim que se deveria pesquisá-los, que ali não se estava diante de clientes (habitués), e sim de usuários, frequentadores, consumidores eventuais, de turistas, de pessoas que transitavam entre um e outro. E que o ideal não era se plantar em um só, mas realmente transitar com os seus frequentadores, participar nesse fluxo – daí a ideia de uma flânerie que desenvolvo na tese, inspirada na figura do flâneur que Benjamin (1997) – um ser errante que vaga pelas cidades ociosamente, sem destino certo, vivendo a experiência urbana e as novas transformações no espaço, nas práticas sociais, na multidão. A multidão é atrativa para o flâneur, que a observa em movimento e no anonimato, e é capaz de experimentar variadas sensações – como pesquisador anônimo e como espectador desse movimento. A flânerie pode ser tomada como um objeto de observação – o vagar dos outros na metrópole – e além disso é uma forma de manter a privacidade do pesquisador em meio ao objeto. “A multidão é um véu através do qual a cidade habitual dá uma piscada para o flâneur como uma fantasmagoria. Nesse véu a cidade aparece como paisagem e como vitrine” (Benjamin 1984:10).*

*Aprendi com Benjamin – e Baudelaire – que novos espaços requerem novos modos de olhar e ouvir. Mesmo que isso contradissesse as pesquisas antropológicas que conhecia, iria pesquisar no anonimato. A cidade para esses autores era uma aventura, o anonimato não era visto como um problema – como em tantos estudos sociológicos posteriores, como para a Escola de Chicago, apenas para citar alguns –*

*mas um atout, uma vantagem. Vagar de um fast-food a outro, anonimamente, como fazem seus frequentadores, foi o procedimento adotado. Ao invés da prática da corresidência, estabeleci a prática da covisita; pois os fast-foods, como o nome revela, são estruturados como lugares de passagem – os drive-in incarnam o auge dessa circulação. Agir de outro modo teria significado, creio, não ser capaz de captar uma das principais características do objeto e a mudança radical que introduz em relação aos espaços precedentes: sua mobilidade, a circulação constante que ali se instaura, o permanente nomadismo dos seus frequentadores. Nos fast-foods os encontros são fortuitos e efêmeros, e lugares assim requerem uma flânerie metodológica, uma antropologia on the road, em movimento, capaz de captar esse movimento. “On ne voit pas la France de la même manière à partir d'une route ou d'une autoroute”, é a constatação elementar de Augé, à qual se poderia acrescentar que, para compreender as sociedades moderno contemporâneas, seus fast-foods e suas autoestradas, e as novas paisagens que eles engendraram, é conveniente se colocar sobre as autoestradas, seguir seu “movimento”, ampliando, se necessário, o campo e os instrumentos de pesquisa. Objetos como os fast-foods, nos colocam diante da necessidade de realizar uma Antropologia não em uma cidade, mas em múltiplas, quiçá no planeta.*

*Assim, metodologicamente, creio que a pesquisa sobre os fast-foods colocou a necessidade deste repensar do campo de pesquisa. A ideia de "etnografias cujo campo é o planeta" (Hannerz 1992) não era usual então, e menos ainda a de etnografias multisituadas – o artigo de Marcus é de 1995, a tese foi defendida em 1992. Não só me era inaceitável a divisão do planeta entre Oceanistas, Africanistas e Americanistas, frequentemente aludida pelos antropólogos franceses, como também achava inaceitável que os procedimentos metodológicos clássicos da disciplina se mantivessem intactos na sua transposição das pesquisas em sociedades tradicionais para as sociedades modernas. Defendi a necessidade de um campo necessariamente em consonância com o objeto da pesquisa, o que no caso implicava um esfacelamento da noção de campo tradicional e a definição de limites fluidos.*

*Seria conveniente, em nome da sacralidade das fronteiras do campo, fechar os olhos aos títulos de jornais que anunciavam abertura de um fast-food em Moscou, ou em outras cidades situadas fora dos limites geográficos do meu campo? Ou ainda, deveria desviar os olhos das filas de espera diante do fast-food em Budapest, deixar*

*de escutar o relato de um empregado do McDonald's de Londres, passar sem entrar diante de um fast-food plantado no centro de Marraqueche? E o que dizer das cascatas de histórias que me traziam os amigos depois de visitas a fast-food localizados em diferentes países? Como agir, no entanto, quando não se dispõem de pesquisas anteriores como guias para fixar repères seguros quanto ao objeto de estudo? Como agir para com objetos contemporâneos que se rebelam contra as fronteiras precisas que, se é que tiveram algum sentido há trinta ou quarenta anos, não o tinham mais diante da instantaneidade do diálogo que via se instaurar entre os fast-food à escala planetária? E como captar os efeitos dessa “disseminação global”, senão redefinindo o campo para adaptá-lo à mobilidade da época em que vivemos? Existem, e eles são numerosos, possíveis objetos de estudo para os quais o campo não pode ser circunscrito no interior de fronteiras geográficas precisas. Objetos que ultrapassam limites das ilhas distantes que a Antropologia clássica estudou, os quadros das tribos localizadas, e ultrapassam também os da comunidade e dos grupos sociais no rural ou no urbano, os quadros de lugares precisos (a fábrica, a empresa, o bairro). São objetos que se encontram um pouco em “todos lugares”, que se situam simultaneamente nas ruas de New York e no interior do Brasil, que constituem expressões culturais que se universalizam, compartilhados por uma comunidade que se poderia chamar de imaginária (Anderson 1983): a que a comunicação contemporânea construiu pela via dos satélites, dos vídeos, do cinema.*

*Como definir esse campo? Quais são as suas fronteiras?<sup>18</sup> Essas foram questões colocadas inicialmente na pesquisa dos fast-foods, mas que permaneceram em outras pesquisas posteriores. Aderi, sem o saber, à sugestão teórico-metodológica de George Marcus da etnografia multi-situada (1995) segundo a qual o pesquisador deve seguir as cadeias, trajetórias e fios que fazem parte de um fenômeno específico e tratar de fazer conjunções ou justaposições de situações, e estabelecer conexões ou associações entre elas. Foi o que tentei, buscando nesses fluxos e nas suas necessárias localizações, entender processos de disseminação de imagens (e*

---

<sup>18</sup> Ainda que inicialmente o campo da pesquisa dos fast-foods tenha sido definido como Paris e São Paulo, realizei visitas e entrevistas em diversas outras cidades brasileiras e observei e entrevistei em cidades do interior da França. Além desses dois países, que foram meu campo preferencial, realizei entrevistas com clientes e trabalhadores em cidades como Buenos Aires, Nova York, Londres, Marraqueche, e observações de fast-food em diversas cidades da Europa (Berlim, Helsinque, Colônia, Amsterdam, Bruxelas, Madri, Barcelona, Lisboa, Viena e Budapeste). Repetiria o mesmo procedimento na pesquisa sobre a circulação transnacional de jogadores brasileiros de futebol.

*imaginários) características do capitalismo contemporâneo, a partir de um objeto que era símbolo do seu centro hegemônico.*

A tese de Doutorado foi defendida no dia 24 de abril de 1992, para uma banca formada por Louis-Vincent Thomas (orientador), Jean-Marie Bhröm e Michel Maffesoli. A banca me concedeu a mais alta distinção: *trés honorable*. Tive a alegria de ter uma sala cheia de amigos assistindo à defesa, que, longe da tensão da defesa do Mestrado, ocorreu com tranquilidade, bom humor e entre elogios. A nota curiosa veio quando esperávamos a deliberação do júri, no corredor da Sorbonne. Maffesoli abriu a porta para me consultar se queria o título de Antropóloga ou de Socióloga (o curso era de Antropologia e Sociologia, podia escolher a área de concentração). “Não pode ser os dois?”, perguntei. E os dois foram. E assim mantive uma tradição: dois Bacharelados, dois Mestrados e um Doutorado – mas com o título em duas áreas de concentração.

### **Pós-doutorado**

Voltei para a França durante o primeiro Pós-doutorado (1996-1998)<sup>19</sup>, que fiz ligada ao Laboratório de Antropologia Visual da EHESS com Marc-Henri Piault, onde desenvolvi um projeto mais teórico sobre o trabalho de Dziga Vertov e Robert Flaherty como dois estilos de filme etnográfico, que resultou em diversos artigos, e um projeto mais prático, em conjunto com Miriam, numa pesquisa sobre as mulheres antropólogas, que resultou em filmes documentários (As alunas de Mauss; Germaine Tillion; Lição de Escrita; Djero encontra Iketut em Bali).

O segundo Pós-doutorado (2009/2010) foi ele mesmo, digamos, “multissituado”. Iniciou na Université de Toulouse (com Jean-Pierre Poulain, cujo livro *Sociologie de l’Alimentation* fiz a revisão técnica da tradução) e resultou em três verbetes – Fast-food (8 p.), Rumeur (10 p.), McDonaldization (6 p.) – incluídos na enciclopédia que Poulain organizou para a Press Universitaire de France (PUF), uma das mais prestigiosas *maisons d’édition* francesas. O pós-doc continuou em Paris,

---

<sup>19</sup> Nesta ocasião, graças às bolsas recebidas pudemos economizar nossos salários e, dado um câmbio muito favorável, compramos o primeiro dos estúdios, o que nos permitiu voltar à França durante as férias em praticamente todos os anos seguintes, de modo que realizávamos um mini “pós-doc” a cada ano.

onde estive ligada ao Laboratoire d'Anthropologie Sociale (LAS) sob a supervisão de Barbara Glowczewski, onde iniciei a redação de 21 verbetes<sup>20</sup> que foram publicados no *Dictionnaire des Femmes Créatrices* de cuja organização Barbara participou. Alguns desses verbetes foram redigidos com a ajuda das bibliotecas da University of California Berkeley, a Central e a do Departamento de Antropologia (onde pude assistir a palestras de Joan Comoroff e James Clifford<sup>21</sup>), onde o pós-doc continuou, sob a supervisão de Paola Bachetta, no Departamento de Gênero e Estudos da Mulher, onde também lecionavam Judith Butler e Thrin Min-ha. Ali participei de um grupo de pesquisa (Beatrice Bain Research Group) que se reunia semanalmente, composto por resident scholars<sup>22</sup> de diferentes países. Paola e Thrin Min-ha vieram ao Brasil a convite nosso, pela primeira vez, e fizeram conferências no Fazendo Gênero, em diferentes anos. Min-ha além da conferência de abertura no *Fazendo Gênero 9* – que coorganizei com Joana Pedro e Silvia Arendt – ofereceu um curso na USP. Outras duas das participantes deste grupo de pesquisa de Berkeley também fizeram palestras no *Fazendo Gênero*, Kazuko Takemura (Ochanomizu University/Japão) e Maria L. Feminias (UBA/Argentina)<sup>23</sup>.

Ao final do pós-doc, graças ao convênio que o Departamento de Antropologia da UFSC estabeleceu com o ISCTE, fomos dar aulas na Universidade de Lisboa por um semestre, aprofundando o diálogo com colegas que já conhecíamos (Cristiana Bastos e Miguel V. de Almeida) e conhecendo outros colegas. Ofereci uma disciplina de Metodologia de Pesquisa para o Mestrado e uma de Seminário de Pesquisa para o Doutorado, junto com Rosa Perez. Durante essa estada, publiquei um capítulo no livro *A Produção das Mobilidades*, e conheci os organizadores e os autores do livro<sup>24</sup>. Além disso, participei de um Simpósio sobre Futebol organizado por Sine Agergaard e por Nina Tiesler, que me abriu as portas para diversos congressos e publicações na Europa, passando a integrar a Foominet (rede internacional de pesquisadores sobre migração de futebolistas).

---

<sup>20</sup> Três dos quais em coautoria com Mariane Pisani, Bela Feldman-Bianco e Miriam Grossi.

<sup>21</sup> Este entrevistamos longamente numa visita na Universidade de Santa Cruz, entrevista ainda inédita.

<sup>22</sup> Cf. <http://bbrg.berkeley.edu/scholars-residence-program> e <http://bbrg.berkeley.edu/scholar-directory/all/all/BR>

<sup>23</sup> Entrevista com ela publicamos na REF.

<sup>24</sup> RIAL, C. S. Porque todos os 'rebeldes' falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje In: *A produção das Mobilidades - Redes, Espacialidades e Trajectos*. ed.Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais - ICS, 2009, p. 203-224.

## **Orientações**

Em minha última visita ao apartamento de Louis-Vincent Thomas, no bairro elegante de Saint Mandé, em Paris, fiquei admirada com duas coisas. Seu apartamento estava forrado por fotografias da sua esposa falecida havia pouco (literalmente forrado, desde que se descia do elevador, no corredor, grandes banners reproduzindo fotos de diferentes épocas, muitas delas fotos de identidade onde aparecia sozinha, “É impressionante o número de fotos que uma pessoa faz durante a vida”, ele me comentou ao ver meus olhos fixados nelas. “Basta procurar nas gavetas, e lá estão elas”).

Meu espanto admirativo dirigiu-se também para uma parte da sua biblioteca. Nesta última visita, ele me mostrou uma prateleira onde tinha colocado as teses que orientou e os livros de seus ex-orientandos que tinham um prefácio seu. “Orientei mais de cem trabalhos”, disse orgulhoso. Achei bonito. E pensei duas coisas: que enviaria para ele fazer o prefácio se um dia publicasse minha tese em livro, e que teria como meta a partir dali também orientar cem trabalhos.

Thomas faleceu em janeiro de 1994, menos de dois anos depois dessa visita. Especialista em morte, acho que classificaria a sua como uma “morte boa”: depois dos setenta anos, no metrô, um ataque cardíaco fulminante, voltando de uma entrevista a uma rádio ou TV. Fui uma de suas últimas orientandas, provavelmente a última, pois era o Doyen de Paris V/Sorbonne, já tinha se aposentado, e só continuava a me orientar porque eu estava com ele desde 1984.

A tese? Traduzi quase toda ela (ficou faltando o capítulo sobre publicidade e as conclusões), publiquei diversos artigos, fiz diversas palestras e ofereci disciplinas onde trabalhava com sua parte teórica: Antropologia da Alimentação, Antropologia do Turismo, Antropologia Urbana, Metodologia de Pesquisa, Antropologia Visual, Globalização Cultural (a primeira com o nome de Globalização a ser oferecida em PPGAS no Brasil). Tive proposta de uma boa editora, a Vozes, mas a vida ofereceu outras atrações e fui deixando para mais tarde.

Quanto à meta dos cem trabalhos, posso dizer que já alcancei (se incluir os ICs e TCCs). Atualmente são 21 dissertações concluídas e 3 em andamento, e 25 teses<sup>25</sup> concluídas e 12 em andamento.

Os temas dessas teses, como seria de se esperar, de algum modo repetem os tópicos das disciplinas e dos projetos de extensão. A primeira de Mestrado, do colega no Departamento de Jornalismo, Henrique Finco, tratou da publicidade da Benneton, retomando algo do artigo *Japonês está para TV assim como Mulato está para cerveja: imagens étnicas da publicidade no Brasil*<sup>26</sup>. A primeira de Doutorado, da Claudia Voight Espínola, tratou dos processos de reetnização no pós-11 de Setembro, um estudo da comunidade árabe em Florianópolis, em que retoma algumas das ideias que desenvolvi num artigo de 1990, em coautoria com Cornélia Eckert<sup>27</sup>. A última de Mestrado, de Jimena Massa, trata da cobertura jornalística de um serial estuprador em Córdoba, retomando algo do artigo *Os estupradores que viraram heróis* (coautoria com Miriam Grossi) e do *Guerra de imagens, imagens de guerra: estupros no Iraque*. A última de Doutorado, de Wagner Camargo, sobre os Gay Games já trata de esporte, um interesse mais recente, inaugurado com o artigo sobre a cobertura televisiva dos jogos futebolísticos<sup>28</sup> como utilizando recursos do cinema – ele faz a passagem entre meu interesse pela Antropologia Visual para a Antropologia do Esporte, me inserindo neste campo que ajudei a formar, ao organizar o primeiro GT de Esporte (Futebol e Imagem) na RBA de Brasília, em 2000, junto com José Sergio de Leite Lopes; um GT que depois dessa data passaria a ser assíduo em todos os grandes congressos de Antropologia no Brasil.

Considero que o papel de orientadora não se completa até as estudantes se tornarem professoras ou terem outra profissão academicamente relevante, e tenho tido a alegria de ver muitos serem aprovados em concursos em Universidades: Claudia V. Espínola (UFSC), Marcia C. Faria (UFAM), Adiléia Bernardo e Anamaira Telles (FURB), Juliana Odínino (UDESC), Ângela de Souza (UNILA, onde é Pró-Reitora de

---

<sup>25</sup> Sete delas em coorientação.

<sup>26</sup> Artigo inicialmente apresentado no ST de Antropologia Visual, coordenado por Bela-Feldman Bianco, na XIX ANPOCS, em 1995. Esse artigo esteve na origem da tese de Doutorado de Édison Gastaldo e de Iara Beleli, sobre gênero na publicidade, ambas pela UNICAMP.

<sup>27</sup> RIAL, C. S., [ECKERT, C.](#) O véu que divide a França. REVISTA OUTRA. , v.1, p.37 - 44, 1992.

<sup>28</sup> Rial, C. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica* v.14, pp.61-80.

Extensão), Margarete Nunes (Unissinos, onde é Pró-Reitora de Pesquisa), Flávio L.A. da Silveira (UFPA), Sandra R. da Silva (UFSM), Maria E. Goidanich (ESPM), Viviane Assunção (UNESC), Marcelo Rodrigues de Souza Ribeiro (PUC-Goiás). Às vezes, no estrangeiro: Matias Gódio (UBA e Tres de Febrero) e Veronica T. Pedro (Ministério da Cultura de Angola) <sup>29</sup>.

## Publicações

Em 1987 publiquei, no jornal feminista *O Mulherio*, o artigo “Os Estupradores Que Viraram Heróis”, escrito em coautoria com Miriam Grossi – que seria uma interlocutora permanente, a primeira a ler o que eu escreveria e com a qual desenvolveria muitos outros projetos numa troca constante, prazerosa, cúmplice sem deixar de ser crítica e sobretudo instigadora. O artigo já apresentava dois temas que seriam recorrentes (masculinidade e futebol) e analisava o caso dos jogadores<sup>30</sup> do Grêmio presos na Suíça depois de estuprarem uma menor de idade, e que ao retornarem foram recebidos como super-homens, elogiados por terem mostrado ao mundo o quanto os gaúchos eram machos. Miriam me empurrava para o feminismo, eu a puxava para o futebol – ela teve mais sucesso do que eu, pois, que lembre, não voltou ao tema do futebol a não ser como orientadora de um TCC, e eu voltaria a escrever outros artigos que poderia classificar como feministas, um sobre estupro novamente, nos anos seguintes<sup>31</sup>.

Um primeiro artigo sobre a globalização da publicidade publiquei na Revista de Comunicação e Artes da USP, em 1988<sup>32</sup>. O primeiro sobre mídia em 1989, na

---

<sup>29</sup> Outros já eram professores quando os orientei: Ronaldo Correa, Cristina T. Rocha, Mariuze D. Mendes, Ana V. Guimarães e Marinês R. Dos Santos (UFPR), Vera M. Guimaraes (UFCaxias), Fernando Bittecourt (IFSC), Marina F. De Souza (UFSC), Henrique Finco (UFSC),

<sup>30</sup> Cuca, atualmente técnico de futebol, era um deles.

<sup>31</sup> RIAL, C. S. Guerra de Imagens e Imagens da guerra: estupro e sacrifício na guerra do Iraque. Revista Estudos Feministas, v.15, p.14 - 49, 2007.

<sup>32</sup> RIAL, C. S. O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola. REVISTA DE COMUNICACAO E ARTES, v.18, p.40 - 43, 1988.

Revista Brasileira de Comunicação<sup>33</sup>. E sobre Antropologia Visual na recém criada revista Horizontes Antropológicos, em 1993, num número organizado por Cornélia Eckert e Nuno Godolphim<sup>34</sup>, resultado de trabalho apresentado na II Jornada de Antropologia Visual, evento fundamental na constituição da rede de pesquisadores que incluiria, a partir de então, Ana L. Rocha, Bela Feldman-Bianco, Clarice Peixoto, Cornélia Eckert, Dominique Gallois, Etienne Samain, Fernando de Tacca, Marc-Henri Piault, Milton Guran, Sylvia Caiuby Novaes, entre outros.

O primeiro artigo que escrevi sobre esporte, “Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade”<sup>35</sup>. apresentei-o no seminário *Internacional Fazendo Gênero*, logo depois de ter participado da banca de Mestrado do Édison Gastaldo, na UFRGS, cujo texto me inspirou a pensar algumas dimensões das práticas esportivas. Então, a entrada no campo do esporte não foi pelo futebol, mas pelo gênero. Nesse artigo algumas linhas apontavam para a necessidade de se pesquisar o futebol na várzea, de mais etnografias de futebol, pois existiam muitas biografias de grandes jogadores, artigos que analisavam o futebol de um ponto de vista geral e abstrato, mas não se lia muitas etnografias no Brasil<sup>36</sup>. E, havia, claro, uma parte sobre o esporte praticado por mulheres. Desde estes, foram muitos (tenho registro de 80 artigos no Lattes).

O primeiro texto que publiquei em um livro o foi no México<sup>37</sup>, e já revelava uma duplicidade de inserções na academia. Era uma antropóloga que estava dando aula no curso de Jornalismo, e tentava trazer para o jornalismo as preocupações teóricas da Antropologia. Chama-se “Lições de Escrita” (no referencia ao capítulo de Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*), e criticava o estilo jornalístico de escrever. Era inspirado na censura dos pós-modernos norte-americanos ao modo de escrever na Antropologia, que em muitos casos podia ser aplicada também a escrita jornalística.

---

<sup>33</sup> Rial, C. e Grossi, M. P. “Tribunal do Povo: áudio-leitura de um programa de rádio” Intercom: Revista Brasileira de Comunicação n.61.

<sup>34</sup> Cuija filha, Valentine Godolphim, tive o prazer de orientar, anos depois, no NAVI.

<sup>35</sup> In: org. Joana Pedro e pela Miriam Grossi. *Masculino, Feminino e Plural*, ed. Mulheres, 1998.

<sup>36</sup> Desenvolvi este argumento num artigo recente (cf. Rumos)

<sup>37</sup> RIAL, C. S. Lições de Escrita: reflexões da antropologia contemporânea aplicadas ao texto jornalístico In: Investigar la Comunicación - Propuestas Iberoamericanas.1 ed. Zapotan : Universidad de Guadalajara, 1994, p. 69-76.

Nos últimos anos, tenho procurado publicar no exterior. Quando recentemente o PPGAS me pediu as publicações mais relevantes de 2014 para inserir na Plataforma Sucupira (e a mais relevante no prelo), enviei a seguinte relação:

Rial, C.

Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system. Em Richard Elliott; John Harris (ed) *Football and Migration - Perspectives, places, players*, London, NY: ed. Routledge - Taylor and Francis Group

New Frontiers: the transnational circulation of Brazil's female soccer players. Em Sine Agergaard, Nina Clara Tiesler (ed) *Women, Soccer and Transnational Migration*. London, NY: Routledge - Taylor and Francis Group.

Frontières et zones dans la circulation globale des footballeurs brésiliens. Em Bertrand Piraudeau (org) *Le Football Brésilien Regards Anthropologiques, géographiques et Sociologiques*, Paris: l'Harmattan.

Publicações 2015 ou em preparação:

Rial, Carmen

Neo-Pentecostals on the Pitch: Brazilian Football Players as Missionaries Abroad. Em Jeffrey D. Needell (ed). *Emergent Brazil*. Gainesville, Tallahassee, Tampa: University Press of Florida.

No Lattes, tenho 69 itens registrados em capítulos, entre os quais destaco também

Living in Paris: old and small places in a World City (em coautoria com M.Grossi) publicado em *Urban Symbols and Rituals*, em Ljubljana em 1999.

Urban Fears in Brazil (em coautoria com M.Grossi) publicado em *Urban Ethnic Encounters*, pela Routledge em 2000.

Entre os dez livros que organizei, os que me foram mais significativos são: Pesca e Turismo no Atlântico Sul (coorganizado com Matias Gódio),

Novas Práticas Alimentares no mercado Global (coorganizado com Guivant, J. E Spaargaren, G.) Florianópolis, Edufsc, 2010;

Diásporas, Mobilidades, Migrações. Florianópolis, Edufsc, 2011 (coorganizado com Arend, S. e Pedro, J.), e

Consumo e Cultura Material: perspectivas etnográficas (coorganizado com Souza, A. e Rúbia). Florianópolis, Edufsc, 2012.

Entre os oito dossiês organizados para revistas, destaco *Material Culture and Mass Consumption in the Global South*, para a *International Review of Social Research* e *Globalization and Circulation*, para a *Vibrant*.

## **PESQUISA**

### **Pesquisa PQ CNPq**

Estudar o futebol foi a consequência de um passado que remontava à infância (ver anexo), de uma relação que se fortaleceu com o trabalho no Departamento de Esporte da Rádio Gaúcha (onde trabalhei em duas Copas do Mundo, iniciando como redatora e chegando a coordenadora de jornadas) e também consequência dos aprendizados nos cursos de Antropologia Urbana ou Antropologia das Sociedades Complexas, Moderno-contemporâneas, que foi a opção que eu fiz logo no início na Antropologia, influenciada por Ruben Oliven, em Porto Alegre, de quem fui aluna em muitos semestres, e Gilberto Velho, no Rio de Janeiro, que lia com dedicação, pesquisadores que estavam abrindo possibilidades de se estudar temas tidos como marginais – e o futebol era um desses, apesar da grande adesão de pessoas e do seu significado como um marcador de identidade nacional.

Apresentei o projeto sobre a emigração de jogadores de futebol brasileiros para o exterior num edital Universal, obtendo financiamento para a pesquisa e posteriormente uma bolsa PQ.

### **Cenário 5 ou Mrs. Ortner inventa Miss Marple**

*A pesquisa que tenho atualmente sobre circulação de jogadores de futebol, de fato, começou antes, mas tomou outro rumo num hotel em Goiânia, durante a 25ª RBA. Era a hora do café da manhã, estavam todos os antropólogos terminando o seu café, prontos para partir quando chegou uma das conferencistas convidadas, Sherry Ortner. Como todos tinham compromissos, alguém da diretoria me pediu para ficar ali acompanhando a nossa nobre convidada durante o seu café da manhã. (Algo bem brasileiro, de achar que alguém tomar café sozinho vai sofrer de uma solidão mortal, semelhante à dos solteiros malinowiskianos, que os levava ao suicídio).*

*Não tenho nenhuma facilidade de contato com desconhecidos, mas atendi o pedido e sentei na mesa pra conversar com a Sra. Ortner. Ela não me parecia nem um pouco interessada em conversar comigo, e então depois de alguns minutos de um*

*silêncio de gabinete de psicanalista, decidi falar alguma coisa. Lembrei do trabalho dela sobre Hollywood, que lera na revista Mana com interesse. Elogiei, mas comentei algo como “fiquei intrigada, por que que não entrevistaste os atores?”. Claro, estava pensando na pesquisa de futebol que tinha iniciado. Ela me olhou do alto da erudição de uma antropóloga norte-americana consagrada, e me disse como se eu acabara de falar uma asneira total: “Mas atores... eles são milionários, são estrelas, é muito difícil, não se tem acesso a eles.” Embora admire muito o trabalho da Sherry Ortner, e sua conferência tenha sido memorável, naquele momento me senti desafiada, no bom sentido: “Ah é? Pois vou mostrar para ela que se pode, sim, abordar estrelas e milionários. Voltei para Europa, por conta do convênio com a Universidad de Cádiz (ver adiante), e fui procurar os jogadores milionários, alguns com salários superiores a de atores de Hollywood, jogadores com passagem pela seleção brasileira, e outros que, embora não tivessem estado na seleção, eram celebridades em seus clubes.*

*A ideia de um desafio me deu uma energia a mais na pesquisa. E ajudou a construir a Miss Marple, porque para conseguir falar com esses jogadores não era indicado chegar vestida de qualquer jeito – talvez hoje isso não fosse importante, devido aos dez anos a mais que tenho. Os jogadores de futebol têm categorias bem precisas para classificar as mulheres que se aproximam. Há as suas esposas, e as outras são o que a imprensa chama de “Maria-chuteira” e o que eles chamam de “Bagaço”. Para fugir da possibilidade de ser enquadrada nessas categorias, me construí como se fosse Miss Marple, a velhinha, detetive personagem da Agatha Christie. Vestia um casaco comprido, cinza, elegante, e usava um chapéu grande e cinza também que tapava todo meu rosto, com os óculos. Não havia possibilidade alguma de sexualização daquela senhora que aparecia para conversar com eles.*

O convênio com a Universidad de Cádiz contribuiu para a mudança de rumo na pesquisa sobre a circulação de jogadores de futebol brasileiros no exterior, pois até então havia contatado apenas os jogadores que tinham retornado ao Brasil. Quando fui a Cádiz, em 2004, para lecionar e pesquisar por dois meses, tinha como um projeto vago o de fazer uma pesquisa sobre alimentação, pois, dado o tempo curto da missão de trabalho, não teria como me aprofundar bibliograficamente em uma literatura desconhecida. Porém, ao chegar, me dei conta de que as equipes de Sevilha (Real Bétis e Sevilha F.C. ) tinham nos seus elencos oito jogadores brasileiros, todos com passagem por grandes clubes no Brasil e pela seleção brasileira. Imediatamente

troquei de objeto e passei a contatá-los, mudando o foco que até então era sobre jogadores desconhecidos – os Kaká-Noir como os chamaria depois, acatando a denominação dada por um marroquino jogador do Kawkab Athletic Club of Marrakech referindo-se a Glebson, jogador preto brasileiro com quem eu conversava – para jogadores “celebridades” (Morin), passando a fazer uma Antropologia “looking up” (Nagel). Durante minha segunda estada em Sevilha, onde morei dois meses à la Malinowski em uma cabana ao lado do estádio do Bétis, escrevi o que seria o primeiro artigo sobre o tema, que já continha as ideias principais dos artigos que desenvolveria nos 10 anos seguintes. Apresentei-o no X Congresso de Antropologia, na Universidade de Sevilha (Los futbolistas brasileños en España: estudio antropológico de la migración de talentos) e o publiquei em uma revista espanhola em open-access<sup>38</sup>, que, para minha satisfação, tem sido o mais acessado na revista nos últimos anos – provavelmente mais pelo inusitado do tema do que pelas ideias ali expostas.

Esta pesquisa resultou em diversos artigos e capítulos de livros, entre os quais destaco os artigos publicados na Revista Horizontes Antropológicos e na Vibrant<sup>39</sup>. Se tivesse que sublinhar publicações recentes, destacaria os capítulos publicados no exterior: em 2012 pela Brill (no livro *The Diaspora of Brazilian Religions*), em 2014 em dois livros editados pela Routledge (*Football and Migration* and *Women, Soccer and Transnational Migration*), e outro pela Harmatann (*Le Football Brésilien*)<sup>40</sup>,

---

<sup>38</sup> Rial, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém.... Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, v. LXI, p.163 - 190, 2006.

<sup>39</sup> Rial, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos. V.14, p. 21-40, 2008.

Rial, C. Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora. Vibrant. v.9 p. 128-159, 2012.

<sup>40</sup> Rial, C. The ‘Devil’s Egg’: Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions. In: Cristina Rocha e Manuel Arturo Vasquez (ed) *The Diaspora of Brazilian Religions*. Leiden, Brill, 2012. p 66-91.

Rial, C. Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system In: Richard Elliott; John Harris (ed) *Football and Migration - Perspectives, places, players*, London: Routledge. 2014. p. 61-75

Rial, C. New Frontiers: the transnational circulation of Brazil's female soccer players. In: Sine Agergaard, Nina Clara Tiesler (ed). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London: Routledge. 2014. p.86-101.

Rial, C. .Frontières et zones dans la circulation globale des footballeurs brésiliens. In: Bertrand Piraudeau (ed) *Le Football Brésilien Regards Anthropologiques, géographiques et Sociologiques*, Paris, L'Harmattan, 2014 p. 55-72.

além do capítulo que está no prelo pela University of Florida Press (*Emergent Brazil*, previsto para maio de 2015, provas já aprovadas anexas). Destacaria também o livro que estou atualmente organizando (junto com Alex Vailati) para a editora Palgrave Macmillan: *Rich Immigrants: ethnicity, class and path* (título provisório), com data para a entrega dos manuscritos marcada para abril de 2015.

## **EXTENSÃO**

Como sabemos, a Extensão é parte das obrigações de todos os professores nas Universidades Federais brasileiras (junto com o Ensino e a Pesquisa) – e isso, ao contrário do que ocorre em outros países - como a França (que só recentemente uniu pesquisa e ensino e na qual a extensão<sup>41</sup> como a entendemos praticamente inexistente, ou nos Estados Unidos. Mas embora obrigatória, a extensão historicamente tem sido desvalorizada.

Na “audit cultur” (cultura da avaliação) extensão vale muito pouco comparada à pesquisa, e seus resultados não ganham a mesma pontuação. Uma entrevista em uma rádio, por mais que seja ouvida por milhões de pessoas, receberá poucos pontos no relatório da CAPES, bem menos do que um artigo ainda que este seja local. Mais recentemente, o CNPq iniciou um processo de alterar esse quadro, passando a incentivar por meio de notação própria no currículo Lattes as ações de extensão.

Extensão, então, significa transmitir a um grande público os resultados de uma pesquisa, ou uma expertise sobre um determinado assunto. Isso pode ser feito com um pôster em feiras de extensão promovidas pelas universidades uma vez por ano, ou ocupação de espaços na mídia, filmes na internet, palestras ou filmes abertos ao público e bem outras formas. Isso é uma forma de relação com o conhecimento, democrática, e que tem se aprofundado paralelamente objetivos de internacionalização do conhecimento acadêmico, que é um grande objetivo posto pelas instituições financiadoras no país. Desenvolver-se para fora, visando a um público estrangeiro, é um objetivo louvável assim como também o é o espalhar o

---

<sup>41</sup> Na França, a extensão que chamam de “restitution” é alvo de grandes reflexões. Participei em 2014 de um Colóquio em Dijon sobre o tema. Escrevi um artigo que está no prelo na revista *Travessias*, da UFPEL.

conhecimento para um público de fora da academia (não uso extramuros, pois raramente a Universidade os tem).

Uma característica particular da academia brasileira, e que tem chamado atenção de outras Antropologias, é nossa capacidade de impactar no espaço público com nossas pesquisas, influenciando em políticas públicas, em legislações.

Sempre tive a preocupação de restituir (no sentido francês do termo, um pouco mais abrangente do que o nosso) a pesquisa, embora reconheça as dificuldades inerentes a esta ideia de restituição<sup>42</sup>.

### **Navi (Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem)**

Coordeno o NAVI desde seu início, e é no âmbito do Núcleo que a extensão mais fortemente ocorre. Mas vale lembrar que no PPGAS da UFSC, nos anos 1990, extensão foi muito importante. Realizamos um encontro mensal no Centro Integrado de Cultura, o *Antropologia e Cidadania*, que lotava salas, organizado pelos diferentes Núcleos de Pesquisa do curso – e o NAVI participou de vários deles<sup>43</sup>. E também no curso que ajudei a criar de Especialização em Estudos Culturais realizávamos esses encontros no CIC.

O NAVI foi criado em 1995, a partir de uma demanda de mestrandos do PPGAS, e acompanhou o movimento de outros núcleos de pesquisa que foram estruturados nesse momento no sul e sudeste. O NAVI desde o início buscou disponibilizar os trabalhos produzidos por seus pesquisadores em livre acesso, usando as plataformas mais facilmente acessíveis que são o Youtube e o Vimeo – o que é uma forma eficaz de extensão. Mesmo filmes longos como os realizados com as alunas de Mauss foram de imediato colocados em livre acesso.

No NAVI (<http://navi.ufsc.br>) estive à frente de um projeto de extensão generosamente financiado pela Petrobrás, que levava filmes brasileiros que estavam passando no cinema à comunidades carentes de cinema em SC, e que percorreu

---

<sup>42</sup> Restituição, para os franceses, tem o sentido de devolver as imagens como fizeram Flerthy, Rouch, MacDougall e tantos outros. Mas tem um outro sentido, que entre nós era (e é) contido na palavra extensão ou na ideia de além-muros. Desenvolvi um artigo recentemente sobre o tema da restituição (Rial 2014, na revista *Travessias*)

<sup>43</sup> Antropologia e Fotografia: em torno das fotografias de Sebastião Salgado, 2001.

diversas cidades do interior projetando e debatendo filmes brasileiros<sup>44</sup>, atingindo mais de 100 mil pessoas nos 10 anos de projeto (a partir de 2000) assim como as universidades. Outro projeto nesse sentido é o Café Antropológico, que projeta filmes e os debate ao ar livre, na praça da Lagoa da Conceição, no verão, ou no Casarão da Lagoa em noites menos propícias climaticamente, patrocinado pela Prefeitura da cidade em convênio com o NIGS/UFSC.

Nesses mais de 20 anos de existência, o NAVI organizou incontáveis eventos. Esteve na origem do LABICS (Laboratório de Imagem de Ciências Sociais), que por uma década deu apoio aos professores do CFH fornecendo vídeos documentários<sup>45</sup> e, mais recentemente, esteve na origem da TVABA (<http://www.tvaba.org>) para o desenvolvimento da qual foram fundamentais o bolsista pós-doc que supervisiono, Alex Vailati, e um financiamento da Fundação Ford.

Seria cansativo listar as outras inúmeras manifestações que realizamos no NAVI como extensão durante todos esses anos, pois não há semana em que algo não seja organizado. Acrescento apenas mais uma, a Galeria da Ponte, um modesto espaço de exposição de fotografias no CFH que existe desde 2008 e que tem o apoio da SECULT da UFSC (dois bolsistas e verba de consumo), com exposições sendo regularmente divulgadas nos jornais e na TV, em Florianópolis.

## **Mídia**

Ao contrário de colegas, que manifestam uma justa suspeita em relação à mídia, nunca me furtei a dar entrevistas a jornalistas, minimizando o embaraço de ver o que foi dito distorcido pela estratégia de entregar um texto por escrito, de modo que pudessem usar o que quisessem e como quisessem desde que mantivessem a redação enviada.

A entrevista, uma das minhas formas de restituição, tornou-se mais internacional nos anos recentes, vários jornais e rádios se interessando por minha pesquisa sobre futebol e especialmente pela relação dos jogadores com a religião. Só

---

<sup>44</sup> Peri (hoje cinegrafista do Gabinete da Reitoria) trabalhou neste Projeto, atuando no circuito universitário e no circuito comunitário.

<http://www.cinemabremmovimento.com.br/apresentacao.aspx>

<sup>45</sup> Hoje desativado pois seu acervo estava em VHS, e boa parte foi constituído durante meu pós-doutorado na EHESS, em 1996-8. Peri, Matias Gódio, Ronaldo Correa, Marina Moros e Alex Vailati são alguns dos pesquisadores que muito contribuíram com o NAVI nesses anos.

em 2014 falei para a Deutchweller, AL-Jazira (Canadá) e BBC (Londres), para o jornal The Irish Times Limited (Irlanda), e para o jornal La Croix (França), além de ter participado de dois documentários que passariam na Arte na França. A experiência mais interessante foi com a BBC que *bloqueou* (o termo é deles) um estúdio de gravações em Amsterdam (poderia ser em qualquer capital do mundo, me disseram) para a entrevista se realizar – eu no estúdio vazio conversando por telefone com o entrevistador em Londres, acústica perfeita no padrão BBC.

## **Convênios**

Uma outra forma de extensão que me foi muito importante foram os convênios internacionais. O primeiro convênio que coordenei, com a Universidad de Cádiz, foi coordenado, pelo lado espanhol, por Maria Dolores Perez Murillo, que já conhecia Florianópolis de contatos com o Departamento de História (com a profa. Eunice Nodari). Foi estabelecido por iniciativa de uma ex-orientanda, Claudia Voight, que tinha feito sanduíche em Cádiz, com um especialista em Antropologia do mundo muçulmano (Jorge Aguadé), indicado pelo meu colega espanhol Oscar Calávia-Saez. O convênio me proporcionou um contato com a literatura sobre imigração espanhola no Brasil, fornecendo insights para a pesquisa sobre os jogadores, especialmente nos contrastes. Permitiu também lecionar sobre temas da Antropologia Brasileira e orientar alunos interessados no Brasil, muitos deles estrangeiros do convênio Erasmus atraídos por Cádiz – aquela agradável cidade à beira-mar, que já foi a porta de entrada na Europa de toda a riqueza exportada da América espanhola. O fato de muitos alunos lá se interessarem pelas teorias de Paulo Freire me chamou atenção.

O segundo convênio com a Espanha que coordenei foi com a Universidade de Madrid, o fiz por iniciativa de um professor que buscava parceria com uma instituição brasileira, e me escreveu. Nele, além de professores do departamento, como no primeiro<sup>46</sup>, pudemos enviar para o exterior uma aluna em pós-doc por um ano e outro em sanduíche, também por um ano. Desta vez, o grupo espanhol envolvido era ligado ao Departamento de Comunicação, e infelizmente não conseguimos estabelecer laços

---

<sup>46</sup> Foram em missão no convênio com Cádiz Rafael Bastos e Oscar C. Saez. A ida de Alicia Castells também estava prevista, mas ela não pôde viajar.

duradouros, embora eles também tenham vindo em missão ao Brasil, feito palestras e participado de aulas no PPGICH. A presença nesse convênio proporcionou a participação do Congresso Mundial de Mulheres, onde pude entrevistar Saskia Sassen (publicada na REF). Foi meu primeiro contato com esse importante congresso que o Instituto de Estudos de Gênero, anos depois, conseguiu trazer para Florianópolis (será em 2017) graças especialmente a Miriam Grossi e Cristina Scheibe Wolff.

Minha terceira participação em convênios se deu em um coordenado por Júlia Guivant com o Instituto Wageningen, um dos maiores centros de pesquisa sobre alimentação na Europa. Foi minha porta de entrada para os Países Baixos, que sempre foram, depois da França, meu lugar preferido na Europa. Pude realizar uma intensa pesquisa sobre alimentação, ao mesmo tempo em que continuei a pesquisa com os jogadores de futebol brasileiros nos Países Baixos, percorrendo de automóvel todas as cidades onde haviam jogadores brasileiros em clubes da Eredivisie (primeira divisão do futebol nos Países Baixos) – posso dizer que conheço o país muito melhor do que Santa Catarina ou o Rio Grande do Sul. Depois da longa estada em Sevilha junto ao Bétis e de uma estada também duradoura em Eindhoven, junto ao PSV, estava pronta para desenvolver uma pesquisa multissituada em outros clubes, sem a necessidade de estadas tão prolongadas, pois conhecia bem os espaços homogêneos dos estádios e clubes de treinamento, assim como suas rotinas de trabalho e estilo de vida.

Particpei também de um convênio CAPES-Cofecub com a Universidade de Toulouse, coordenado por Miriam Grossi, no qual fiz palestra sobre futebol na Université Paul Sabatier<sup>47</sup>, e apresentei a versão em francês do filme *Djero encontra Iketut em Bali*, em uma disciplina da Agnes Fine (coordenadora local), além de receber em Florianópolis vários pesquisadores franceses desse convênio.

Minha quinta participação em convênio internacional foi novamente com a Holanda, no CapesNuffic, mas com a Universidade Livre de Amsterdam, sob a coordenação local de Freek Colombijn, com quem tinha contato desde o longínquo Intercongresso da Comissão de Antropologia da IUAES, em Ljubljana, na Eslovênia, em julho de 1997, e com quem havia reencontrado novamente em Pequim, no ano 2000, em outro Intercongresso da Comissão de Antropologia da IUAES. Freek foi secretário da IUAES, e nossos diálogos tinham sido em pesquisas sobre a cidade

---

<sup>47</sup> Rial, C. La circulation internationale des joueurs brésiliens. Palestra no Laboratoire «Sports, Organisations, identités», Université Paul Sabatier, Toulouse, 2011.

(publiquei um capítulo<sup>48</sup> em coautoria com Miriam Grossi no livro *Urban Ethnic Encounters – the spatial consequences*, que ele organizou para a editora Routledge em 2002). Este convênio, ainda em andamento, tem sido bastante produtivo, pois consegui ampliar a rede para a Universidade de Amsterdam e estabelecer vínculos com Niko Besnier e seu grupo de estudantes, que trabalham em um mega-projeto financiado pela Comunidade Européia sobre esporte e mobilidade. Niko financiou minha participação em um Seminário em Amsterdam, onde fiz palestra junto com Thomas Carter (Inglaterra) e Sine Ageengard (Dinamarca). Thomas veio ao Brasil no pós-evento de *Descolamentos* durante a 29ª RBA, assim como Niko e Sine, esta eu tinha conhecido no evento em Portugal sobre Esporte e Migração quando passei a integrar a Foominet (rede de pesquisadores de migração de futebolistas, coordenada por Nina Tiesler). Sine financiou minha participação em um congresso em Copenhague, em dezembro de 2010, além de incluir um capítulo meu no livro que organizou para a Routledge<sup>49</sup>. O congresso em Portugal permitiu que me tornasse conhecida de um outro grupo de pesquisadores sobre futebol, inglês, liderado por John Maguire, precursor dos estudos de Futebol e Globalização. Deste grupo, recebi convite para publicar um capítulo no livro *Football et Migration (2014)*<sup>50</sup>, e que reuniu os pesquisadores que tenho usado como bibliografia em minha pesquisa, o que me foi muito gratificante.

No CAPES-Nuffic, novamente, tive a satisfação de ver missões na Holanda de 4 estudantes sanduíches e 3 pos-doutorandos, além de colegas do PPGICH, e integrar na pesquisa (que trata de resíduos sólidos) diversos outros estudantes<sup>51</sup>.

A coorganização de dois livros<sup>52</sup> editados pela EDUFSC, e outro previsto para ser publicado em 2015, são outros resultados desses convênios com os Países Baixos

---

<sup>48</sup> Rial, C. E Grossi, M. Urban Fear in Brazil: from the favelas to the Truman Show. In: Colombijn, Freek e Erdentug, Aygen (ed). *Urban Ethnic Encounters - the spatial consequences*. London, Routledge, 2002. P.109-126.

<sup>49</sup> Rial, C. . New Frontiers: the transnational circulation of Brazil's female soccer players. In: Sine Agergaard, Nina Clara Tiesler (ed). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London: Routledge. 2014. pp.86-101.

<sup>50</sup> Rial, C. Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system In: Richard Elliott; John Harris (ed.) *Football and Migration – Perspectives, places, players*, London: Routledge. 2014. pp. 61-75

<sup>51</sup> Alex Vailati e Naira Tomiello (pós-doutorandos), Kamila Schneider (mestranda), Alexandre Locke Suchodolski (graduado, com TCC em resíduos sólidos e pesca).

<sup>52</sup> Guivant, Juia; Spargaaren, Get; Rial, C. (org.) *Novas Práticas Alimentares no Mercado Global*. Florianópolis, Edufsc, 2010, 312pp. Consumo e cultura material: perspectivas

– eles reúnem artigos de colegas, orientandos e ex-orientandos. Este convênio tem permitido a intensificação do diálogo com alguns colegas, especialmente Eunice Nodari, com quem tenho estado em contato coorientando doutorandos, participando de bancas.

Embora não tenha integrado diretamente no convênio CAPES-Saint-Hilaire, recebi convite da coordenação brasileira e francesa para apresentar minha pesquisa na reunião, em Paris, dos projetos do convênio, tendo participado de uma mesa juntamente com Raffaele Poli (um dos grandes especialistas em jogadores estrangeiros de futebol na Europa, com projeto financiado pela FIFA). Daí o convite para publicar um capítulo no livro *Le Football Brésilien* (2014)<sup>53</sup> e que contou com capítulos de colegas franceses.

Como se pode esperar, as relações entre esses pesquisadores de futebol – que formam verdadeiras escolas na Europa – nem sempre são as mais cordiais, e navegar entre elas evitando os conflitos tem sido um desafio. Tenho convite de Niko Besnier para publicar um livro sobre A Circulação de Jogadores Brasileiros de Futebol e Religião na coleção que dirige na editora da Universidade da Califórnia, e este projeto deve me ocupar em 2015/16.

Convênios nacionais também têm sido momentos importantes de troca com colegas. Coordeno um Procad com Natal (UFRN) e Manaus (UFAM), participo de outro “casadinho” com Goiânia (UFG) e Porto Alegre (UFRGS) e participei de outro “casadinho” com Salvador (UFBA).

## Filmes

Se a pesquisa de futebol tem proporcionado intensos contatos no exterior, o mesmo ocorre com os filmes que realizei em colaboração com Miriam Grossi. *Les étudiants de Marcel Mauss*, o primeiro deles, foi projetado na sessão de encerramento do prestigioso *Bilan du Cinéma Ethnographique*, sendo o último filme projetado na sala Jean Rouch do Museu do Homem, antes do seu fechamento para reforma e a passagem do Bilan para outros locais. Este filme teve numerosas

---

etnográficas Carmen Rial, Sandra Rubia da Silva, Angela Maria de Souza (org.). Florianópolis, Edufsc, 2012, 278 p.

<sup>53</sup> Rial, C. .Frontières et zones dans la circulation globale des footballeurs brésiliens. In: Bertrand Piraudeau (ed) *Le Football Brésilien Regards Anthropologiques, géographiques et Sociologiques*, Paris, L'Harmattan, 2014 pp. 55-72.

exibições no Brasil e no exterior, e congressos importantes (ANPOCS, RBA, festivais), tendo recebido a menção honrosa do Prêmio Pierre Verger da ABA. A mais emocionante das suas exposições, no entanto, ocorreu na sala da biblioteca do Laboratoire d' Anthropologie Sociale, bem abaixo do aquário-sala de Lévi-Strauss, e reuniu diversas antropólogas da geração das protagonistas do filme. Terminada a projeção, quando as luzes da sala se acenderam, Françoise Héritier foi a primeira a falar, elogiando o filme e depondo sobre Denise Paulme, a quem muito admirava. Sua fala foi seguida por muitas outras das antropólogas presentes ao redor da grande mesa da biblioteca, que narravam sua relação com as protagonistas contando histórias (anedotas, diriam os franceses) que enriqueciam nossa biografia sobre elas, em depoimentos emocionados e emocionantes, que durou mais de uma hora. Saí da sala com duas dívidas morais que ainda não pude pagar: a de fazer um filme só com os depoimentos de Denise Paulme e dos muitos antropólogos que entrevistamos sobre ela (o filme já tem até dois possíveis títulos: *La petite Paulme est une fine mouche* – que, como no caso do título de Tillion, vem de uma frase de Marcel Mauss sobre ela – ou *Notre Chère Denise*<sup>54</sup>, que é como Héritier e os antropólogos do LAS se referiam a ela). A outra será um filme sobre Françoise Héritier, em cujos seminários éramos assíduas, e que tivemos o prazer de receber em nossa casa para uma feijoada quando esteve no Brasil abrindo o congresso *Fazendo Gênero* (fui responsável pela tradução para o português do seu texto durante a conferência).

Filmes biográficos como esse foi um estilo de filme na Antropologia Visual que marcaram o NAVI desde seu início, especialmente sobre antropólogas estrangeiras, mas também com vários brasileiros (na série *Antropólogos que passaram pela Ilha*), um dos últimos sobre o antropólogo catarinense Egon Schaden (*Egon, meu irmão*), por conta do qual recebi uma Comanda da cidade de São Bonifácio. Com satisfação vi colegas reproduzindo este “gênero” em outros núcleos – os mais significativos talvez sejam de Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha chamada *Antropólogos Urbanos*, mas também os filmes de Clarice Peixoto (com Etienne Samain e Roberto da Matta) podem ser incluídos ali.

Uma outra consequência indireta dos filmes foi o evento, também no Museu do Homem, que realizamos em 2001 em homenagem a Germaine Tillon, com duração

---

<sup>54</sup> RIAL, C. S., GROSSI, M. P. Nossa chère Denise: entrevista com Denise Paulme. Ilha Revista de Antropologia, v.1, p.97 - 118, 1999.

de três dias, coordenado por Miriam Grossi, Tzedan Todorov, Nelly Forget e eu, no qual projetamos *Germaine Tillion: 'lá où il y a danger, on vous trouve toujours'* e diversos outros filmes.

Alguns anos depois fizemos *Djero encontra Iketut em Bali* (com Miriam Grossi, <http://vimeo.com/85182966link>). O filme resultou de um feliz acidente, que me permito contar aqui pois exemplifica bem a noção de extensão no seu sentido de restituição. E a quase impossibilidade de se restituir.

*Estávamos em Bali e fomos conhecer Desa BaiungGedé, o vilarejo que Margareth Mead e George Bateson pesquisaram e que resultou no livro Balinese Character* <sup>55</sup>. Por acaso, encontramos um dos balineses que tinham sido “pesquisados”.

- *Você conheceu a estrangeira? Perguntou em balinês Djero, nosso motorista, a um senhor que lhe pareceu ser o mais velho numa concentração de pessoas na rua.*
- *Sim, Margaret. – respondeu Iketut sem hesitar.*

*E nos levou a sua casa, para ver o livro que Mead tinha lhe presenteado em sua última visita a Desa Bayung Guede, nos início dos anos 1960, e que ele guardava com todo o cuidado, enrolado em um saco plástico. A dedicatória do livro dizia “ao bebê que vi nascer”, mas como ele explicou, sua foto não estava no livro, apenas dos seus amigos que ele nomeava ao apontar para as páginas que eram viradas com interesse por Djero, repetindo “estão todos mortos, todos mortos”. Mead visitou a escola onde estavam os seus amigos, mas foi para ele que ela dedicou o livro – possivelmente por ter sido amiga da mãe de Iketut, acompanhado sua gravidez e filmado o nascimento de Iketut.*

*Ali estávamos diante de um caso paradigmático de restituição da pesquisa: a antropóloga que retorna ao local de pesquisa com o resultado da pesquisa, no caso, nada menos do que o livro considerado fundador da Antropologia Visual. Nós olhávamos para as fotos que registram os gestos balineses cotidianos, as relações entre pais e filhos, mães e filhos e filhas, e víamos ali expressões que captavam um ethos balinês, tal como Bateson e Mead intencionaram. Mas Iketut? O que será que ele via na obra preciosamente preservada da umidade e insetos naquele lugar, incrustado nas montanhas, não muito distante da turística capital de Bali? Para ele,*

---

<sup>55</sup> Bateson, Gregory and Mead, Margaret. 1985. *Balinese Character: a Photographic Analysis*. N.Y. New York Academy of Sciences (edição especial).

*tratava-se de um livro de recordação dos amigos que estavam “todos mortos” e que ele nomeava ao folhar as páginas. Balinese Character, para ele, era um álbum de família, capaz de emocionar e trazer recordações do mesmo modo que nossos álbuns de família (Leite 2001<sup>56</sup>). Margaret Mead devolveu Balinese Character; do seu ponto de vista tratava-se de uma restituição. Porém, Iketut recebeu um álbum de fotografias, não a pesquisa de Bateson e Mead, não Balinese Character.*

*Poder-se-ia pensar a partir deste pequeno exemplo que a restituição é uma impossibilidade quando a ‘distância cultural’ (para usar termos de Mead) é grande, como entre os antropólogos e os moradores de Bayun Gedé. Restituir talvez fosse possível em casos em que antropólogos e pesquisados experienciassem uma distância menor. Quem sabe um outro antropólogo tendo sido pesquisado recebesse Balinese Character como Balinese Character? <sup>57</sup>Sem dúvida, é mais provável. No entanto, não se pense que essa restituição ocorre sem problemas. Quando terminamos de editar As alunas de Marcel Mauss quisemos restituir o filme e obter o aval das entrevistadas antes de exibi-los. Apenas uma das três protagonistas do filme, Tillion, ainda estava viva e passando o verão na sua agradável morada em Plouhinec, no interior da Bretanha. Para que ela pudesse ver o filme teríamos que ir até lá ou esperar mais um ano, até que pudéssemos retornar a Paris. Fomos à Bretanha, alugando um carro na estação de trem, pois não havia transporte público até sua casa. Com a generosidade de sempre, ela se ofereceu para nos hospedar, mas o filme não lhe parecia interessar muito. (Entendi mais tarde que com ela era assim mesmo, as pessoas lhe interessavam mais do que fotos ou filmes sobre ela. Prova disso foi uma conversa em que Miriam disse ter ouvido um programa de rádio com ela, Jacques Derrida e Hélène de Cixous. Tillion disse: “ah, de fato, os dois vieram tomar um chá e conversar comigo numa tarde, foi muito agradável”. Para ela, o encontro foi com eles, o programa de rádio ela nem se lembrava que tinha sido realizado...).*

*De qualquer modo, conseguimos saber com antecedência que sim, ela tinha uma televisão na casa da Bretanha, mas não um aparelho de VHS. Pas de problème,*

---

<sup>56</sup> Leite, Miriam Moreira. 2001. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. SP: Edusp. (3 ed.).

<sup>57</sup> O filme foi projetado duas vezes em Moscou, no festival de Filme Etnográfico em 2010 e em 2013, numa Mostra que escolheu os melhores filmes deste Festival. A convite dos organizadores, participamos do debate após a projeção do filme e para minha surpresa, boa parte das perguntas da plateia eram sobre a religião balinesa, especialmente sobre o costume que mostramos dos balineses de Desa Bayungede de pendurarem as placentas dos recém-nascidos em árvores, no interior de cabaças.

*pensei, levaremos um aparelho de VHS. Fizemos uma estratégica parada em Auray, a cidadezinha mais próxima, e depois de algumas indagações localizamos a loja que vendia e alugava aparelhos de VHS. Para evitar problemas de conexão, tomei o cuidado de alugar diferentes cabos, todos os disponíveis, de modo a garantir que um deles se ajustasse ao aparelho de TV de Tillion. Ficamos de devolver na segunda-feira, já que era um sábado. E desembarcamos na casa da nossa “informante”, com o aparelho de VHS, todos os cabos possíveis por precaução e o filme sob o braço, para realizar o que considerávamos nossa obrigação ética: conseguir sua aprovação antes de divulgarmos o resultado na pesquisa. Quando, finalmente, ao final da tarde conseguimos convencê-la a assistir ao filme, e retirei aparelhos e cabos da sacola...surpresa e decepção. A televisão era um modelo tão antigo que não possuía entrada para VHS, tinha sido fabricada antes da invenção dos aparelhos de VHS. Para terminar a história, no ano seguinte conseguimos que Madame Tillion finalmente assistisse ao filme: levamos um computador e a instalamos diante dele, na mesa de comer da sala da sua casa em frente ao Parc de Vincennes, em Paris. Ela o viu, comentando certas passagens como se estivesse conversando com outras protagonistas “C’est bien ça”, “Oui, tout a fait”. E ao final, para nosso alívio, pois o filme já havia sido projetado, deu seu veredito: “É muito bom o que vocês fizeram. É ... como um livro”.*

Embora esses obstáculos, o NAVI sempre preconizou a devolução das pesquisas (foi minha lição depois da ausência de devolução da pesquisa à Dona Joana, e as suas suspeitas de que meus alunos eram agentes da Prefeitura – ver cenário 2). Lembro-me com emoção de uma das projeções que realizamos, em uma comunidade de pescadores (Barra da Lagoa), do filme de um orientando<sup>58</sup> realizado nos barcos de pesca mostrando o trabalho dos pescadores autônomos. Ao final da projeção, uma das senhoras presentes nos agradeceu porque, finalmente, disse, tinha podido ver o que seu marido fazia nas horas em que passava no alto-mar.

Também como parte do que podemos incluir em Extensão está o trabalho editorial. E se este começou muito cedo, com a criação de *Outra, revista de Comunicação* (juntamente com colegas do curso de Jornalismo, só teve dois números), continuou com o *Antropologia em Primeira Mão* (na gestão de Rafael Bastos como coordenador do PPGAS, do qual fui editora por muitos anos) e a *Ilha* –

---

<sup>58</sup> Matias Gódio

*revista de Antropologia* (na minha gestão no PPGAS, junto com Oscar C. Saez, que também editei por vários anos).

É da *Vibrant* (A1) que mais me orgulho (na gestão de Gustavo L. Ribeiro quando Presidente da ABA e por sua iniciativa). Assumi *Vibrant* como minha principal tarefa quando fiz parte de sua diretoria. Estive no projeto desde o início, tendo organizado o edital que decidi por seu layout, e assessorando de perto os seus dois editores (Omar nos dois primeiros números, e depois, Peter Fry). De fato, com a saída de Omar, fui indicada para assumir a editoria da revista. Porém, num encontro rápido num dos corredores do Hotel Glória, durante a ANPOCS, Peter (então vice-Presidente da ABA) se mostrou ligeiramente interessado e imediatamente lhe passei a tarefa, por julgar que tinha mais experiência e prestígio acadêmico para levá-la a cabo. Nossa colaboração, que já dura oito anos, tem sido uma de minhas parcerias acadêmicas mais produtivas e prazerosas.

Além desses trabalhos, tenho colaborado de modo intermitente e, confesso, às vezes distante, com a *Revista de Estudos Feministas*, tendo sido editora de entrevistas por alguns anos, e de resenhas em outros, e participado do seu Conselho Editorial desde que se estabeleceu na UFSC, em 1999.

Embora não se trate de uma revista, considero a criação da TVABA ([www.tvaba.org](http://www.tvaba.org)), um antigo sonho, uma realização editorial das mais importantes da minha carreira. E não posso deixar de mencionar a linda revista *Novos Debates* ([www.novosdebates.abant.org.br](http://www.novosdebates.abant.org.br)), que criei estando à frente da ABA, e que oferece artigos de divulgação, servindo para “popularizar a ciência”, como diz o CNPq. Sim, pois além da internacionalização tão propagada atualmente, creio ser da maior importância a interiorização, o abranger de fronteiras nacionais ainda não atingidas por nossos escritos e falas.

Essas inserções no campo editorial me renderam convite para participar de vários conselhos de revistas brasileiras, o que muito me honra.

## **Congressos**

Minha primeira SBPC foi em Brasília, em 1976, a RBA foi em São Paulo, em 1982, a ANPOCS frequentava desde Águas de São Pedro, dormindo nas pensões locais. Apresentei minha dissertação de Mestrado em uma sessão organizada pela Claudia Fonseca do GT de Família e Parentesco organizado por Mariza Correa em

1988<sup>59</sup>, e assisti com entusiasmo a uma discussão, coordenada por Eunice Durham e Ruth Cardoso, de um trabalho de Luís Fernando Dias Duarte sobre a teoria de Dumont. Também foi marcante um encontro em Campinas, no qual uma mesa reuniu Ruben Oliven e Roberto da Matta, com o debate de Peter Fry. Os congressos permitiam nos manter atualizados com os debates na Antropologia Brasileira e conhecer de perto nossa bibliografia: Gilberto Velho, Roberto Cardoso de Oliveira, Roque Laraia, José Sérgio Leite Lopes, Mariza Correa, Lia Machado, José Manhani, Antônio Arantes, Alba Zalumar, Tereza Caldeira, Carmen Cenira, entre outros.

Particpei da organização de numerosos eventos (congressos, palestras, projeção de filmes). Os mais importantes de serem citados foram o 9<sup>o</sup> *Fazendo Gênero*, a 28<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, em São Paulo, (da qual fui a Secretária Geral, na gestão de Bela Feldman-Bianco) e a 29<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia RBA, em Natal, que presidi. Elas reuniram milhares de participantes e tiveram a presença de acadêmicos consagrados. Mas lembro com muito carinho do *Ensino de Antropologia: Diagnóstico, Mudança e Novas Inserções no Mercado de Trabalho*<sup>60</sup>, organizado quando era diretora da ABA; e também de um evento sobre rap no CIC, na década de 1990. O do ensino, por evidenciar uma transformação no perfil dos Antropólogos; o do rap, porque foi visto no Centro Integrado de Cultura por meninos negros, rappers, e quando os convidei para subir ao palco, eles fizeram não só excelentes palestras como demonstrações de música e dança, numa clara transformação das relações entre “nós” e “eles”.

Apresentei trabalho na 16<sup>a</sup> RBA, em Campinas, em 1988<sup>61</sup> e a partir daí, em todas as RBAs em que estava no Brasil<sup>62</sup>, e em algumas ABANNES<sup>63</sup>. Apresentei meu Mestrado na ANPOCS, em 1988<sup>64</sup>; e no retorno do Doutorado, em 1995<sup>65</sup>, e em

---

<sup>60</sup> Resultou em livro coorganizado com Antonella Tassinari e Miriam Grossi.

<sup>61</sup> RIAL, C. S. Mar-de-dentro: A Transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição In: XVI RBA, 1988, Campinas.

<sup>62</sup> Antropologia Visual entre nós: a iconografia dos fast-food In: XIX Reunião da ABA, 1994, Niterói; Comida e Simbolismo In: XX RBA, 1996, Salvador; Sofrimento e êxtase do torcedor In: RBA, 2000, Brasília. E também Brasil: 500 anos pensando a alimentação. In: RBA, 2000, Brasília. Mauss segundo suas alunas In: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia, 2002, Gramado.

<sup>63</sup> Contatos Fotográficos In: IV ABA Norte-Nordeste, 1995, João Pessoa. E também A transformação do espaço doméstico em 3 gerações; Usando o Youtube: duas experiências de uso de minivídeos documentários In: III REA e XII ABANNE, 2011, Boa Vista.

<sup>64</sup> Rial, C. “Espaço doméstico as diversas faces do belo na Lagoa da Conceição”, Encontro da ANPOCS, 1989, Águas de São Pedro.

várias dos anos seguintes. Em 2014 estive em uma Mesa sobre Internacionalização da Pesquisa nas Ciências Humanas e em outra Mesa sobre a Judicialização na Universidade Brasileira. Participei, e isto desde 1988, de Congressos na área de Comunicação: INTERCOM<sup>66</sup> e Compós. E tive filmes selecionados para diversos festivais<sup>67</sup>.

Não faço referência às palestras locais, pois cansaria o leitor. As primeiras que encontro traço foram no curso de Jornalismo, em 1987 “Tribunal do Povo: audileitura de um programa de rádio”, “Mar-de-dentro: o espaço social na Lagoa” e “Manger-Show: os fast-food em Paris”.

Congressos internacionais? Sempre entendi-os como uma oportunidade de criar redes transnacionais. Em 1989 apresentei trabalho em Perpignan e Barcelona, em congressos de Semiótica<sup>68</sup>. Em 1990, no XVII Associação Internacional de Pesquisa em Comunicação, em Bled Iugoslávia<sup>69</sup>. Também nesse ano, no 1º Congresso Luso-Brasileiro, em Coimbra<sup>70</sup>, e em 1994 no II Congresso Luso-Afro-Brasileiro, 1994<sup>71</sup>.

---

<sup>65</sup> Mulato está para cerveja assim como japonês está para TV. XIX Encontro anual da ANPOCS, 1995; Mauss segundo suas alunas In: XXI Encontro anual da ANPOCS, 2002; O reflexo de Narciso: análise dos Jogos Olímpicos Gays como alternativa no sistema esportivo mundial (com Wagner Camargo). In: 35. Encontro Anual da ANPOCS, 2011.

<sup>66</sup> Tribunal do Povo, em coautoria com Miriam Grossi. In: XI Congresso de Pesquisadores da Comunicação, INTERCOM, 1988, Viçosa; “A mundialização do discurso publicitário”, In: XI Congresso de Pesquisadores da Comunicação, INTERCOM, 1988, Viçosa. Globalização Publicitária: o exemplo dos fast-foods In: XVI Congresso de Pesquisadores da Comunicação – INTERCOM, 1993, Vitória. Discurso Publicitário e Etnia In: XVII Congresso de Pesquisadores da Comunicação – INTERCOM, 1994, Piracicaba. Perspectivas da globalização no Brasil, Internet e Multiculturalismo In: XVII Congresso de Pesquisadores de Comunicação – INTERCOM, 1995, Aracajú. E também Globalização publicitária no espaço da INTERNET. In: XVII Congresso de Pesquisadores de Comunicação – INTERCOM, 1995, Aracajú.

<sup>67</sup> Mauss segundo suas alunas In: 6º Festival do Filme Documentário e Etnográfico Fórum de Antropologia, Cinema e Vídeo, 2000, Belo Horizonte; Mauss segundo suas alunas In: I Festival Alagoano de Fotografias e Filmes Etnográficos, 2005, Maceió. Djero encontra Iketut em Bali In: 15ª Mostra internacional do Filme Etnográfico, 2011, Rio de Janeiro.

<sup>68</sup> RIAL, C. S. Échange International des Signes Publicitaires In: L'homme et ses signes – IV Congres Humanity and its Signs, 1989, Perpignan e no IV Congresso Internacional de Semiótica, 1989, Barcelona. La Humanitat i els seus signes. (O congresso foi realizado em duas cidades, estive em ambas).

<sup>69</sup> What Goes Along With Mcdonald's

<sup>70</sup> Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição.

<sup>71</sup> McMundo?

Em 1993 participei do meu primeiro Congresso Mundial de Antropologia, a 13ª IUAES, no México, com um *paper* sobre minha tese de Doutorado<sup>72</sup> – tinha o *paper* em espanhol e me dei conta de que na plateia poucos entenderiam se o apresentasse em espanhol, então, apresentei em inglês, tropeçando em algumas palavras, mas me fazendo entender. Por sorte minha, estavam assistindo Bozidar Jerzernik, principal antropólogo da Eslovênia (com quem passei a ter contato regular e voltamos a nos encontrar no intercongresso da Comissão de Antropologia Urbana da IUAES, em Ljubljana em 1997<sup>73</sup>); Jean-Pierre Housson, com quem mantivemos um diálogo em Paris que o trouxe ao Brasil em um convênio; e Cristiana Bastos, que se tornou uma grande amiga e com quem tenho realizado trabalhos acadêmicos desde então. Estive no XIII World Congress of Sociology, 1994, Bielefeld, apresentando trabalho sobre alimentação<sup>74</sup> (um dia depois do Brasil ter vencido a Copa do Mundo). Participei do IUAES Inter-Congress, em Beijing, em 2000<sup>75</sup>, quando conheci Giuliana Prato (atual coordenadora da Comissão de Antropologia Urbana da IUAES, que tem sido parceira em várias iniciativas, e me indicou para a representação da CAU na América Latina) e reencontrei Freek Colombijn. Participei do Congresso da IUAES em Kuoming, em 2009, com um trabalho sobre Jean Rouch, e do Inter-Congress da IUAES, em Perth, em 2012, com trabalho sobre circulação transnacional de jogadores de futebol<sup>76</sup>.

Participei do congresso de Americanistas, no Equador, em 1997<sup>77</sup> – quando perdi no táxi o texto sobre esporte e gênero que havia feito traduzir para um espanhol perfeito, e mais uma vez tive que improvisar – e do congresso de Americanistas, em Viena, em 2012.

---

<sup>72</sup> Fast-Foods: O Desejo e o Medo do Futuro que os Rumores Expressam

<sup>73</sup> Living in Paris: old and small spaces in a world city In: IUAES - Symposium on Urban Ritual and Symbolism, 1997, Ljubljana.

<sup>74</sup> Fast-food: the taste of images.

<sup>75</sup> Residential segregation and urban violence in Brazil In: IUAES Inter-Congress on Metropolitan Ethnic Cultures, 2000, Beijing (com M.Grossi) e também Racial and ethnic stereotyping in Brazilian advertising In: IUAES Inter-Congress on Metropolitan Ethnic Cultures, 2000, Beijing.

<sup>76</sup> "Rodar": the movements of Brazilian soccer players abroad In: International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), the Australian Anthropological Society (AAS) and the Association of Social Anthropologists of Aotearoa / New Zealand (ASAANZ) Conference, 2011, Perth.

<sup>77</sup> Esporte e masculinidade In: 49º Congresso Internacional dos Americanistas, 1997, Quito.

Participei de várias RAMs<sup>78</sup> desde sua criação – e um dos meus pequenos orgulhos é ter estado na origem do seu nome, pois, durante a IV Aba Sul, realizada em Florianópolis, coloquei a manchete “ABA-Sul se transforma em Mercosul” no jornalzinho do Congresso distribuído em xerox (era pré-internet), sublinhando a presença de argentinos, uruguaios e paraguaios no encontro.

Tenho buscado participar em encontros de menor porte, que sejam reuniões sobre o meu tema de pesquisa atual<sup>79</sup>, e alguns congressos temáticos de visual<sup>80</sup> e de alimentação<sup>81</sup>.

Fiz conferências na abertura do I Simpósio Brasileiro Gênero & Mídia, 2005, Curitiba; na abertura da X ABANE/REA em Fortaleza, em 2013. Fiz a conferência de encerramento do Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), em 2013, e na ocasião também participei de uma atividade chamada “Duetos”, junto com Miguel A. de Almeida. Fiz a aula inaugural do PPGAS da UFG, em 2011, e em 2013 das turmas de Pós-graduação da FEEVALE, do PPGAS da UFF, e do curso de Ciências Sociais em Viçosa.

---

<sup>78</sup> Antropologia Visual e da Imagem In: I Reunião de Antropologia do Mercosul, 1996, Tramandaí; O que Rouch não disse... In: IV Reunião dos Antropólogos do Mercosul (RAM), 2001, Curitiba; Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes porém ... In: VI Reunión de Antropología del Mercosur, 2005, Montevídeu. Guetos Sexuais Globalizados e Circulação de Desejos: Competições Esportivas Gays sob investigação (com Wagner Camargo) In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), 2011, Curitiba.

<sup>79</sup> From a sea to an ocean Stereotypes and alterity: perceptions of 'otherness in Mediterranean (com M. Grossi); *Congresso da Eumeness, Most and Unesco*, 1997, La Valletta. Futebolistas brasileiros na Europa: migração ou circulação? In: *Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa* 2010 CBC 2010, Barcelona. Debate via skype do filme Djero. *VI Moscow International Festival-Biennale of Visual Anthropology 'Mediating Camera'*, 2012, Moscou. Universidade de Lomonosov, 2012. International Migration of Women Footballers: causes, subjective experiences and consequences (com Nina Tiesler) *Feminismo y Migración: Intervención Social y Acción Política (Femigra)*, 2012, Universitat Autònoma Barcelona. Issues of Legitimacy - Entrepreneurial Culture, Corporate Responsibility and Urban Development. Nápoles: CUA IUAES Commission on Urban Anthropology, 2012 (trabalho em coautoria com Miriam Grossi).

<sup>80</sup> I Mostra Amazônica de Filme Etnográfico – Olhares sobre a Amazônia. Manaus: UFAM/Uninorte, 2006.

<sup>81</sup> The job as determinant of the food habits of a bank branch at Florianópolis (com Alice Assis) no *Third international conference on dietary assessment methods*, 1998, Arnhem. Le football et la rhétorique des médias sportifs télévisuels, *Congress Sport et Genre XIX-XX siècles*, 2004, Lyon. Antropologia da alimentação – um roteiro de leituras In: V Congresso Brasileiro de Higienistas da Alimentação, 1999, Foz do Iguaçu; 1º Congresso Brasileiro de Gastronomia e Segurança Alimentar, 2004, Brasília.

## ADMINISTRAÇÃO:

Meu envolvimento na administração iniciou cedo, no Departamento de Jornalismo ainda. Tinha a experiência de ter participado da revisão do currículo do curso de Jornalismo na UFRGS, como representante dos alunos, então, tinha ideias para a revisão que fizemos. Embora as profundas divisões que já se esboçavam no Departamento de Jornalismo da UFSC entre os que queriam um curso meramente técnico e os que queriam uma formação humanística mais geral, houve consenso quanto a dois pontos: evitamos ao máximo as disciplinas obrigatórias, permitindo que os alunos fizessem seu currículo, e colocamos disciplinas com práticas desde o início do curso. Continuo defendendo essa fórmula, mesmo para os cursos de Antropologia e Ciências Sociais.

As reuniões do Colegiado no Jornalismo eram verdadeiras batalhas que duravam uma tarde toda – para começar, o Colegiado era o único na Universidade que era aberto à participação de alunos e funcionários, sendo paritário; ou seja, os votos dos alunos valiam tanto quanto o dos professores. Isso transformava as reuniões em Assembleias de revolucionários franceses, com discursos Voltarianos e Jacobinos de parte a parte. Olhando para trás, penso em quantas horas da vida perdi ali, em batalhas inúteis porque éramos minoria no curso e perdíamos sempre – ou quase sempre – as votações. Tenho poucos remorsos na carreira, um deles é não ter saído antes do Departamento de Jornalismo.<sup>82</sup>

Pode parecer estranho, mas os cargos de chefia do departamento e de coordenação do curso eram disputados em eleições acirradas que dividiam o curso. Minoria numericamente (menos de 1/3 dos professores) as eleições eram o momento que tínhamos para provar que grande parte dos alunos compartiam nossas ideias e só não vencíamos sempre por conta da paridade que nos tirava os votos dos professores.

---

<sup>82</sup> No curso de Jornalismo tive alunos maravilhosos e colegas marcantes – José Gatti Jr., Gilka Girardello, Sônia Maluf, Aglair Bernardo, Henrique Finco (depois meu orientando no Mestrado), e Mauro Pommer. Repartimos salas e a vida, foram meus colegas e grandes amigos, e com alguns ainda convivo. Com eles formamos uma área de concentração de Estudos Culturais, e o primeiro curso de Especialização em Estudos Culturais do país, que poderia ter se transformado em um PPG não fosse a intransigência dos colegas do Departamento. Nesse curso, minha participação se deu muito mais por uma influência da Escola de Birmingham (especialmente na sua linha Semiótica) do que pelas questões levantadas pelos antropólogos que aderiram à linha dos Estudos Culturais e que, embora algumas críticas louváveis, quase transformam conceitos como alteridade e diferença em palavras.

Foi assim que concorri e venci para subchefe do Departamento, tendo a satisfação de receber 11 dos 12 votos dos funcionários (o único voto no outro candidato veio de um funcionário que namorava uma professora do outro grupo). Também exerci a coordenação do curso de Jornalismo em uma ausência da coordenadora. Mas o que mais me marcou nesse período foi a participação na chamada Constituinte: um grupo de professores de todos os departamentos indicados por portaria da reitoria que se reunia na sala do Conselho Universitário para pensar uma nova Constituição para a Universidade. Lá conheci colegas do CFH que mais tarde seriam colegas de trabalho, como o casal Scheibe, e pude construir uma ideia da UFSC na sua totalidade. Éramos oposição à Reitoria, e ao final, a Constituinte decidiu por não mudar o regimento. Também nesses anos, tive participação ativa no sindicato de professores (APUFSC), fazendo campanhas e greves, o que propiciou contato com colegas de outros departamentos, alguns do “outro lado do Riacho” (os cursos das Exatas e Biológicas, assim chamados os que estão localizados na metade sul do campus UFSC).

Quando ingressei no PPGAS, depois de terminar o Doutorado, já conhecia vários dos professores por ter assistido ao curso da Jean Langdon durante meu Mestrado na UFRGS. Permanecia no Departamento de Jornalismo, e não tinha horas para dar aulas no PPGAS, ou participar de sua administração, mas ainda assim o fazia, pois era lá que encontrava os desafios intelectuais e o diálogo acadêmico que me eram essenciais. Logo fui indicada para a subcoordenação do PPGAS, tendo o Denis Werner como coordenador, e, quando este se afastou por um pós-doc, assumi a coordenação do PPGAS no que seria minha primeira de três experiências de coordenação de pós.

Minha segunda participação na administração do PPGAS foi como coordenadora novamente, em 2002. Nessa ocasião, conseguimos criar uma rede de coordenadores de PPGAS no Fórum de Coordenadores bastante ativa, que contava com Lilian Schwarz, Antônio C. de S. Lima e Jane Beltrão, entre outros. Escrevemos uma lista de 10 pontos que levamos à CAPES como reivindicações, fomos recebidos por Abílio, então Presidente, que acatou muitos dos pontos, reconhecendo a especificidade da área (um qualis de livro, por exemplo, que só seria efetivado anos depois).

Coordenei também o PPGICH, um curso muito especial no CFH, pois foi criado antes dos Mestrados de Antropologia, Sociologia e Política, e que reúne professores ligados a diferentes Departamentos em três áreas de concentração

(participo da de Gênero e da de Sociedade e Meio Ambiente). Quando ingressei, o curso tinha recém conseguido manter o conceito 4, depois de ter de recorrer ao CTC da CAPES por conta de uma avaliação na qual tinha recebido o conceito 3 (o que o descredenciaria). Meus colegas festejavam o 4, e tinham como meta para a minha coordenação permanecermos no 4. Mudei muito algumas práticas do curso, aplicando as regras com rigor, e ao final da minha gestão conseguimos subir para 5 – no triênio seguinte, passamos para 6.

Quando me transferei para o Departamento de Antropologia, em 1998, fui eleita para o Conselho Universitário, como vice de Scheibe, sendo esta a primeira experiência no C.U. da UFSC.

Na CAPES participei da instituição das regras do qualis de periódicos (por indicação dessa rede de coordenadores) e mais tarde do qualis audiovisual (gestão de Lia Machado). Participei de todas as comissões de avaliação do qualis de periódicos desde a sua origem até 2012, em comissões que contaram também com a presença de Simoni Guedes. Participei de duas comissões de avaliação dos PPGAS (gestão de Bela e de Carlos Steil), além de uma APN e de uma avaliação de PPG no Comitê Interdisciplinar. Numa palestra para mim inesquecível, lembro de uma antropóloga brasileira da primeira geração dizer que depois de aposentada se negava a participar de bancas de comissões, pois a única coisa que lhe desgostou na carreira foi ter que julgar os outros, permanentemente. Talvez por ser de Sagitário (que, como é de conhecimento de todos, é regido por Júpiter, o planeta da justiça) nunca tive essa dificuldade, e participar de comissões sempre foram momentos prazerosos de trocas com os colegas.

Durante a gestão de Juraci Tonelli na direção do CFH, fui indicada para coordenar o Núcleo de Publicações (NUPPE) além de coordenar a Pesquisa na Unidade. No NUPPE, tive a satisfação de criar a *Revistaria do CFH*, um espaço localizado no lobby do CFH onde expúnhamos e vendíamos livros publicados pelos pesquisadores do Centro, que antes não tinham um canal de distribuição eficaz na UFSC. Participei do Conselho da Editora da UFSC durante a gestão de Eunice Nodari e de Maria Luísa Borges, na PRPE.

Fui coordenadora de Pesquisa do CFH e representei os coordenadores de Pesquisa dos diferentes centros de ensino da UFSC no Conselho Universitário, voltando, assim, a ocupar um assento no principal Colegiado da Universidade. Devo dizer que essa segunda passagem foi bem mais tormentosa. Discutia-se a adesão da

UFSC ao Programa Reuni (MEC), e, ao contrário de muitos colegas do CFH<sup>83</sup>, eu votei favoravelmente à adesão ao Reuni na reunião do Conselho Universitário, recebendo por conta disso uma enorme faixa do movimento estudantil do Centro onde se lia “A profa. Carmen Rial votou a favor do Reuni” – fiquei feliz pelo respeito demonstrado pela inclusão de “profa.” na faixa, e recebi a solidariedade de muitos colegas pela coragem de ir contra a posição do movimento estudantil, e de alguns colegas no CFH. Quando vejo hoje os 27 professores compondo nosso Departamento (quando antes éramos uns 10), e a mesma expansão nos outros Departamentos, não deixo de me congratular pela decisão.

Não poderia deixar de assinalar o cargo que mais me honrou na administração: o de Presidente da Associação Brasileira de Antropologia, que assumi em janeiro de 2013. Por ocupá-lo, pude defender nas mais altas esferas governamentais causas que considero justas desde os tempos do movimento estudantil, dialogando com Ministros e agentes de Políticas Públicas. E também participei da criação de um Fórum de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (juntamente com Gustavo L. Ribeiro), que hoje reúne mais de 40 associações dessas áreas, e que encaminhou e viu aprovado no GT do CNPq a proposta de uma Diretoria própria para a área de Humanas. Deixarei a Presidência da ABA (onde sucedi a Bela F. Bianco) em janeiro de 2015, passando o cargo para um amigo e colega que muito respeito, Antônio Carlos de Souza Lima. Assumi a coordenação do GT do CNPq de Ciência Tecnologia e Inovação, e fui eleita para o Comitê Organizador do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA). Essas tarefas, juntamente com a coeditoria da *Vibrant*, que continuei a ocupar, são os únicos encargos administrativos maiores que gostaria de ter nos próximos anos. Se conseguir passar a coordenação do NAVI para outro/a ...

### **Considerações Finais**

Para mim (e certamente para quem está lendo este), a academia mais do que um trabalho, é o que os franceses chamam de “*métier*”, um ofício. Os que na nossa

---

<sup>83</sup> A reunião do Conselho do CFH, que analisou a questão, votou favorável à adesão do Reuni, embora a Direção tenha encaminhado contra. Porém, essa reunião foi anulada depois pela Direção, sob o argumento de que os estudantes não estavam suficientemente representados – ou algo assim.

sociedade trabalham estão livres às seis da tarde. Nós continuamos, depois das seis, nos fins-de-semana, nas férias. É um *habitus* do qual não é possível se despir. Em contrapartida, este é um ofício que proporciona grandes aventuras e às vezes, nos leva a lugares inesperados. Quando comecei, não imaginava que visitaria estádios em Nova Dehli, Bangkok, Tóquio, Adelaide, Mumbai, Hong-Kong..., que me encontraria com um interlocutor em um bairro indiano de Toronto, conversaria com dirigentes árabes em frente a um prato de tajine num centro de treinamento de Marrakesh, caminharia por trilhas no meio da mata na Ilha de Santa Catarina, me perderia em ruelas na periferia de Atenas buscando o centro de treinamento do Panatinaikos... que iria duas vezes à Ásia no mesmo ano, daria duas voltas ao mundo, e mais passos do que os que posso contar aqui.

Aprendi muito com meus alunos, eles também me levaram a lugares inesperados e fascinantes: a uma comunidade muçulmana em Florianópolis, à selva dos filmes do Tarzan, aos rappers da periferia de Lisboa, aos quadrinhos de Batman, a brasileiros moradores de Boston, a boates gays em Berlim. Eles me levaram para dentro de barcos, com o trabalho dos pescadores; e para o interior de cemitérios, com o dos coveiros. Aprendi muito com essas pesquisas, que me fizeram visitar livros esquecidos em minha biblioteca e viver aventuras por procuração.

Quando falo em *aventura* – e esta não é uma metáfora nova, a ideia da Antropologia como viagem está presente em inúmeros textos de antropólogos – o faço em um sentido amplo, que não restringe o termo à ideia de êxtase dos sentidos. Há certamente descoberta e excitação no trabalho do antropólogo, mas há também muito tempo-morto, e uma sensação de *aborrecimento* (Jankelevicht 1963 – *L'Aventure, l'Ennui, le Sérieux*). Sabemos: é quando o êxtase da novidade se esgota que inicia de fato o trabalho antropológico, quando nada “acontece”, quando o espetáculo tão presente na nossa sociedade dá lugar à repetição, que começamos realmente a ver. Experimentei isso em longas horas de um quase vazio na beira de campos de treinamento de futebol, em noites fazendo farinha em engenhos, em tardes intermináveis sentada em fast-food.

O mundo que meus alunos pesquisam certamente é bem diferente do da minha geração. As fronteiras dos objetos antropológicos se redefinem e de modo a abarcar os processos globalizantes. Todos eles: não é mais possível estudar o comércio da esquina sem levar em conta um fluxo informal de mercadorias que aproximam subalternos, de modos inéditos. Nessa era, a Antropologia pode ser uma profissão de

aventura, certamente o é de risco, às vezes de engajamento social. Na nova ordem mundial que se anuncia, os antropólogos têm um papel importante e uma responsabilidade que, se não é inédita – como Tillion nos ensinou<sup>84</sup> –, se tornou agudada a guerra de imagens do estágio atual do sistema capitalista contemporâneo.

Ter podido seguir esta “carreira”, como me disse uma vez a Claudia, foi um grande dom que a vida me proporcionou.

\*\*\*

---

<sup>84</sup> Germaine Tillion, retornada de um campo de concentração na II Guerra para onde foi deportada, não hesitou em ir à Argélia para verificar em lócus se os integrantes dos grupos que tinha estudado estavam sendo atacados pelo exército francês. Serviu de mediadora permitindo um diálogo entre os nacionalistas argelinos (chamados de terroristas, na época) e os franceses. Uma mediação que parou bombardeiros por algum tempo, que provavelmente ajudou a parar a guerra. Se De Gaulle disse “eu os ouvi” possivelmente o disse por antes tê-la ouvido, ela, apenas uma antropóloga que conhecia porque viveu entre eles, os chaiias, os tuaregs.